

7.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*; São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BERGAMO, Alexandre. *A experiência do status: roupa e moda na trama social*. São Paulo: UNESP, 2007.

_____. *O Campo da Moda*. Rev. Antropologia, V, 41, nº 2 São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 04 jun.2007.

BECKER, Howard S. *O Método de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *Falando da sociedade: ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BONFIM, Gustavo Amarante. *Ideias e formas na história do design: uma investigação estética*. João Pessoa: Editora Universitária, 1998.

BOUCHER, François: *História do vestuário no ocidente*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.

_____. *A Produção da Crença*. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2006.

BRUNO, Flavio. Um novo ambiente para as organizações. In: SENAI/ CETIQT. *Globalização da economia têxtil e de confecções brasileiras*. Empresários, governo e academia, 2007.

BURGOS, Marcelo Baumann. *A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro: PUC - Rio, 2002.

_____. Dos Parques Proletários ao favela-bairro In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: EDUSC, 2004.

- _____. *A fabricação do rei*. São Paulo: Zahar, 1994.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.
- CARDOSO, Fernanda de Abreu. *Design gráfico vernacular: a arte dos letristas*. 2003. 174 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *O universo simbólico do design gráfico vernacular*. 191p. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.
- CASÉ, Paulo. *Favela: uma exegese a partir da Mangueira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.
- CHRISTO, Deborah Chagas. Designer de moda ou estilista? Pequena reflexão sobre a relação entre noções e valores do campo da arte, do design e da moda. In: PIRES Dorotéia Baduy (org.). *Design de Moda: olhares diversos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.
- CIPINIUK, Alberto. Notas de aula de História do Design, 2009.
- _____. *O artista colonial brasileiro como artista popular*. Disponível em: <http://www.tecap.uerj.br/pdf/v3/cipiniuk.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2011.
- _____. *Design e artesanato: aproximações, métodos e justificativas*. In: 7º Congresso brasileiro de pesquisa e desenvolvimento em design. Paraná, 2006. Disponível em: <http://www.design.ufpr.br/>. Acesso em: 09 ago. 2011.
- COELHO, Luis Antonio L. (org.). *Design Método*. Rio de Janeiro: Editora PUC - Rio, 2006.
- _____. *Conceitos-chave em design* Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio, 2008.
- _____. *Percebendo o Método* In: COUTO, Rita M.S. e OLIVEIRA, Alfredo J. (org.). *Formas do Design: por uma metodologia interdisciplinar*. Rio de Janeiro: 2AB- PUC - Rio, 1999.
- CORDEIRO, Graça Índias e COSTA, António Firmino da. Bairros: contexto e interseção. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- DORFLES, Gillo. *O design industrial e a sua estética*. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

- ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Jorge Zahar, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. O dicionário da língua Portuguesa: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Izabel. *A Capoeira no Rio de Janeiro 1890-1950*. Rio de Janeiro: Nova Ideias, 2007.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da Arte*. São Paulo: Círculo do Livro, 1959.
- FORTY, Adrian. *Objetos do Desejo- design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2006.
- _____. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2010.
- GODART, Frédéric. *Sociologia da moda*. São Paulo: Editora SENAC - São Paulo, 2010.
- GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar*. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GRUMBACH, Didier. *Histórias da moda*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2007.
- HOUAISS. *Mínidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *Antigo/Moderno*. In: *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MALERONKA, Wanda. *Fazer roupa virou moda: um figurino da ocupação da mulher (São Paulo 1920/ 1950)*. São Paulo: Editora SENAC, 2007.
- MARTINS, Gilson. *Gilson Martins: depoimento a Gláucia Centeno*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2004.

Mc CRACKEN, Grant. *Cultura e Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MASCÊNE, Durcelice Cândida. *Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato Brasília: SEBRAE, 2010*. Disponível em: <www.sebrae.com.br>. Acesso em: 31 jul. 2011.

MILLER, Daniel. *Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores*. São Paulo: Nobel, 2002.

MONTENEGRO, Luciana. Design. In: COELHO, Luiz Antonio L. *Conceitos-chave em design*. Rio de Janeiro: PUC - Rio. Novas Ideias: 2008.

MORAES, Anamaria de. Design: arte, artesanato, ciência, tecnologia? O fetichismo da mercadoria versus o usuário/trabalhador. In: COUTO, Rita M.S. e OLIVEIRA, Alfredo J. (org.). *Formas do design: por uma metodologia interdisciplinar*. Rio de Janeiro: 2AB PUC – Rio, 1999.

MOULIN, Raimond. *O mercado da arte: mundialização e novas tecnologias*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PANDOLFI, Dulce e GRYNSPAN, Mário. Poder público e favelas; uma relação delicada. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (org.). *Rio de Janeiro: histórias e desafios*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Disponível em: <<http://www.cpdoc.FGV.br>>. Acesso em: 09 ago. 2011.

PATROCÍNIO, P., ARAÚJO, E. e SILVA, F. O olhar do mestre: representações de identidades nas escolas públicas de Rio das Pedras. In: BURGOS, M. (org.) *A Utopia da comunidade*. Rio de Janeiro: PUC – Rio, 2002.

PEDREIRA, William. *Emprego com carteira assinada ultrapassa os 50%*. Disponível em: <www.cut.org.br>. Acesso em 28 abr. 2010.

PIRES, Dorotéia Baduy. *A história dos cursos de design de moda no Brasil*. In: RevistaNexos. Estudos em Comunicação e Educação. Especial Moda/ Universidade Anhembi Morumbi- Ano VI nº9 (2002). Disponível em: <www.design.org.br/artigos_cientificos>. Acesso em: 28 maio 2011.

POLHEMUS, Ted. *Street Style*. New York: Thames and Hudson, 1994.

RAMALHO, Cristina. Nossa, já fui longe demais. *Brasil Econômico*, São Paulo, 01 abr. 2010. Caderno Outlook.

REDIG, Joaquim. Design é metodologia. In: COELHO, Luiz Antonio L. (org.). *Design método*. Teresópolis: Novas Idéias, 2006.

SABRÁ, Flávio Glória Caminada. *Análise quantitativa de moda: o desenvolvimento de produto para o setor têxtil e de confecção* Rio de Janeiro: 2010. 171 p. Dissertação de Mestrado Profissionalizante em Administração, IBMEC, 2010.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. *Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

SILVA, Jailson de Souza e; & BARBOSA, Jorge Luiz. *Favela: alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro: SENAC, 2005.

_____. *O que é favela, afinal?* Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <www.observatoriodefavelas.org.br>. Acesso em: 04 ago. 2011.

SILVA, Luis Antonio Machado. A continuidade do “Problema da Favela”. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org) *Rio de Janeiro: história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Disponível em <<http://www.cpdoc.Fgv.br>>. Acesso em: 09 ago. 2011.

O Trabalho informal no Brasil.. Disponível em: <<http://www.ufrn.br/>>. Acesso em 14 jun. 2011.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SIMMEL, Georg. *Filosofia da Moda*. Lisboa: Texto e Grafia, 2008.

_____. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, Gilda Mello. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1987.

STEINBERG, Sílvia. Criatividade. In: COELHO, Luiz Antonio L.(org.) *Conceitos-chave em design*. Rio de Janeiro: PUC - Rio. Novas Ideias, 2008.

SUDJIC, Deyan. *A linguagem das coisas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

SVENDSEN, Lars. *Moda uma filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TREPTOW, Doris. *Inventando moda: planejamento de coleção*. Brusque: Empório do Livro, 1997.

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VEBLER, Thorste. *A teoria da classe ociosa* – Col. Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina. *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

_____. *Projeto e Metamorfose* Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOLFF, Janeth. *A Produção Social da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar; 1982.

ZALUAR, A.; ALVITO, Marcos (orgs.). *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

8.

Anexos

8.1.

Modelo básico de entrevista

- 1- Nome
- 2- Idade:
- 3- Onde nasceu?
- 4- Tem filhos?
- 5- Há quanto tempo mora no Rio das Pedras?
- 6- Qual é a sua profissão?
- 7- Há quanto tempo trabalha com isso?
- 8- Estudou até que série?
- 9- Você trabalha com outra coisa?
- 10- Como aprendeu seu trabalho? Alguém te ensinou?
- 11- Como desenvolve seu trabalho?
- 12- Quais as etapas?
- 13- Como planeja suas atividades?
- 14- Como montou seu negócio?
- 15- Para quem você trabalha?
- 16- Como os clientes chegam até você?
- 17- Quando não está produzindo para terceiros, produz mercadorias para você vender?
- 18- O material que você faz para vender tem algum esboço, ou alguma forma de planejamento?
- 20- O que é moda para você?
- 21- O que é moda aqui no Rio das Pedras?
- 22- Como consumidora onde você compra suas roupas?
- 23- Costuma ir ao *shopping Center*?
- 24- Você compra em lojas aqui em Rio das Pedras?
- 24- De onde você acha que chegam as informações de modas?
- 25- Quem você acha que influencia a moda?

8.1.1.

Material fotográfico feito em lojas da favela Rio das Pedras

Obs: No caso das informantes Tonha e Saskia, o modelo de entrevistas sobre recepção, procurou discutir também, a análise do material fotográfico realizado por elas, buscando saber o que existia de representativo nas imagens e se elas gostavam ou não das peças escolhidas.

Escolhemos retirar esse material do corpo das entrevistas e apresentá-lo em forma de tabela, procurando facilitar a compreensão sobre os comentários apontados.

FOTO	Tonha	Saskia
	“Bonito, mas não uso vestido... Eu não tenho o corpo legal para usar vestido, nem altura, mas lindo, a estampa linda, muito bonita o pano, mas que não encaixa no meu perfil.”	“Eu achei legal, não para mim, claro que eu não usaria. Quem tem corpo maneiro, veste bonitinho. Achei bonito esse vestido.”
	“Não gosto... Não gostei das cores.”	“Não gostei, tirei a foto, mas não gostei. Muito esquisito. Não usaria também.”
	“Esse é bonito, gostei desse, mas para eu usar não, não tenho estatura para usar vestido. Gosto do decote e da estampa.”	“Não gostei, tirei a foto, mas também não gostei. Muito esquisito. Mas estava na moda também essas coisas de bolso grande. Não usaria.”
	“Achei feia... Mas está na moda a galera usa.”	“Eu escolhi porque a moça da loja disse que era muito bonita, foi o gosto dela, na verdade nem foi o meu. Ela disse tira dessa blusa, acho muito bonita. Eu disse então tá bom, vou tira... Mas eu também não gostei.”
	“Esse é feio, achei muita informação, é um vestido liso, mas com muita informação aqui no decote, com essas lantejoulas, sei lá.”	“Também não gostei não.”
	“É bonita por causa do decote em V, não que eu usasse, a estampa está bem bonita.”	“Eu gostei da parte de cima, mas tinha que fazer umas modificações na parte de baixo... tem muita ponta.”
	“Essa é muito feia, não gosto, muito em cima aqui, esses botões enormes. A estampa está bonita, se fosse em outro modelo acho que ficaria legal.”	“Não gosto de estampa de bicho.”
	“Não gosto. Não gostei das cores.”	“Não gostei, tirei a foto, mas não gostei. Muito esquisito. Não usaria também.”

	<p>“Esse vestido é bonito, a estampa é bonita, esse está bonito.”</p>	<p>“Não gosto. Essa talvez até usasse, mas não esse modelo, está muito chamando atenção.”</p>
	<p>“Não gostei, gostei dessa gola, está bem inverno, mas esse ilhós, muita ponta, muito tecido numa blusa só, eu não gosto, a gola é bonita.”</p>	<p>“Esse eu gostei, achei bonito, mas não usaria. Para uma pessoa alta, que tivesse seios pequenos, fica legal. Não para mim claro, porque baixa, com peito muito grande...”</p>
	<p>“Essa cobra está bonita sim, gosto da cor, mas acho que deveria ser uma camisetinha mais básica, jogou esse preto aí, tipo sendo uma gola, muito frufu. Isso é muita informação.”</p>	<p>“Eu achei maneira as costas. Achei bonito.”</p>
	<p>“Gosto do tecido e da cor, mas não gosto do modelo, nem da pala e do botão grandão.”</p>	<p>“Não gostei não. Certos tipos de roupa têm que ter altura e corpo para usar... Eu não compraria, mas é maneirinha, bonitinha.”</p>
	<p>“Essa eu gostei, eu usaria. Eu gosto do básico, eu gosto da coisa básica. Uma blusa para mim com muita informação, com botões grandes, aquela blusa que é muito tecido, muito larga, não sei, por mais que ela seja larga ela não tem que ter muita informação. Parece que isso aqui é um estilo e que isso aqui são outros estilos... de uma mulher mais fatal...”</p>	<p>“Estava muito na moda, foi por causa da novela... Aquela que tinha a Patrícia Pillar... A Favorita mesmo... Mariana Ximenes, ela usava muito essa camisinhas pólo, assim curtinha, <i>baby look</i>, de calça jeans, de <i>All Star</i>. Estava muito na moda, foi uma febre aqui...”</p>
	<p>“Também. Esse foi um dos modelos campeão de vestidos que nós fizemos no final de ano.” [...] “Não, você até encontra, ‘nossa que vestido lindo’, mas assim, esses modelos não, nessas lojas daqui não.”</p>	<p>“Esse daí lindo veste bem... Eu falei, vou fazer um vestido desse daí para eu fazer um teste... Cortei uma blusinha para eu fazer uma blusinha. A blusinha veste bem para caramba. A estampa dele também, as costas, [...]”</p>
	<p>“O tecido é lindo, eu acho, o modelo também, todo bonito, a cor é linda. [...] Ela dá impressão até, com essas rosas aí, que é outro tecido, mas é o mesmo, [...] esse vestido é tudo de bom.”</p>	<p>“[...] olha, você vê muito bonito o vestido, também não para mim, ficou muito bonito nela aí. Eu achei linda, a estampa, está todo bonito esse vestido. Eu achei lindo.” [...]</p>

8.1.2. Entrevista com Tonha

Tonha, 32 anos, natural de Frecheirinha, Ceará, mora no Rio das Pedras há dez anos, casada, um filho, ensino médio completo.

Qual a sua profissão?

“Costureira”.

Quanto tempo você trabalha com costura?

“Dezesseis anos”.

Você trabalha com outra coisa que não seja costura?

“Não”.

Como você aprendeu o seu trabalho?

“Comecei como arrematadeira”.

Dentro de confecção?

“É, numa das maiores de lá. E passei só seis meses como auxiliar, um cara que era cortador me ensinou a costurar, eu comecei a costurar. Aprendi nas horas de almoço, como tinha duas horas de almoço eu corria em casa, almoçava rapidinho e voltava e esse cortador me ajudou”.

Até chegar aqui no Rio?

“É. Lá eu tinha noção de reta, sentei na colarete para fazer quando a colarete faltava eu já sentava, colocando viés, fazendo bainha, reta só acabamentinho, agora aqui que eu vim a aprender reta”. “Aqui no Rio eu trabalhei de carteira assinada na Constantinopla, mas foi três anos, mas eu trabalhei lá durante cinco anos”.

Como você aprendeu a ter essa noção de montar a peça toda? Por que às vezes a pessoa sabe fazer uma operação bem feita, mas não tem a noção dessa montagem da peça.

“Uma amiga minha tirou férias... Era pilotista, e que a dona me indicou para ficar no lugar dela, durante esse mês, aí foi aqui que eu comecei a montar a peça toda, mas já tinha aprendido com ela a fazer as coisas mais complicadas, botar fecho, fazer bolso embutido e tal”.

Então a ciência de montar a peça toda você aprendeu quebrando a cabeça também numa peça?

“Quebrando a cabeça e também a modelista me dando dicas, me ajudando e tal. Ela me ajudou muito também, porque tem certas coisas que eu sabia montar, mas não estava com a peça na mão, estava com uma (?) de uma revista, quer dizer, eu tinha que pedir ajuda a modelista que eu não dava conta de... Muitos detalhes, para você olhar na foto fica difícil para botar...”

Agora me fala um pouco desse trabalho que você desenvolve aqui agora? Antes até de falar de trabalho, você deixou de trabalhar em confecção, quando você deixou de trabalhar em confecção e como você começou a trabalhar por sua conta?

“Em confecção eu deixei de trabalhar depois que eu tive meu filho, tem cinco anos, e até aí eu fiquei em casa, tomava conta dele, aí foi quando a Saskia me incentivou a trabalhar em casa, porque eu acho que por mim mesmo...”

E como foi esse primeiro contato com cliente de roupa? Na Constantinopla?

“Isso, eu já sai e a sócia tinha saído também, e ela sempre dizia: “se algum dia você for trabalhar em casa não se preocupe que você pode vir aqui”, que não precisava fazer teste nem nada porque ela já conhecia o trabalho da gente, na verdade quem foi fazer o teste não foi nem eu, ela achou que não precisava fazer teste, mas tudo mudou lá, cheio de coisa, quem foi fazer o teste foi a Saskia... foi lá, montou a peça e já trouxe serviço para a gente.”

Mas como é que foi essa história de começar a costurar bolsa também?

“A gente como sempre trabalhando com roupa, surgiu com uma amiga que já fazia bolsa, já não estava dando conta e passou para a gente, a gente ficou meio que cismada, “ah, não, bolsa não, a gente nunca fez, dá trabalho e tal”, porque no começo a gente tinha que fazer a modelagem da bolsa, cortar, e montar, então a gente já ficou meio que cismada, mas aí enfrentamos fazer, a mulher só trazia o tecido e o modelo da bolsa.”

E dessas bolsas vocês faziam tudo da bolsa?

“Tudo, ela só trazia o modelo. Tinham muitas que ela trazia uma pronta.”

Para vocês copiarem?

“Isso, umas mudanças mínimas, mas uma releitura daquela bolsa e outras ela trazia uma foto, folheando uma revista viu aquela bolsa, gostou e a gente fazia assim também. Eu mesma, nunca modelei, eu cortava e costurava, a minha amiga que modelava, eu nunca tentei modelar, eu já modelei um vestido de malha, mas bolsa não, coisa mais complicada, eu nunca me meti a fazer, eu não sei se ia conseguir, já com as experiências de costura se eu ia conseguir, mas eu nunca modelei, mas para cortar e costurar.”

Fala desse trabalho que a gente desenvolve aqui, quando você começou a fazer bolsa numa escala maior de produção, conta um pouco como é esse trabalho?

“A minha vizinha fazendo faxina e falou que estava precisando de gente que fazia bolsas, ela contou de tudo, que o Gaúcho fazia que você fazia, e ela falou também com bolsa e foi quando a gente foi lá visitar, e quando chegou lá o serviço era de bolsa, e a gente pegou... Não sei se a gente trouxe alguma coisa... era uma bolsa de lona pequena, estampada com viés colorido e uma nécessaire.”

Conta como é esse trabalho? Vocês modelam, cortam, costumam, ou só costumam; como é esse trabalho?

“Esse trabalho só costura porque as peças já vêm cortadas, a gente só monta a peça, só costura, já entrega a peça pronta, arrematada, com acabamento, com tudo.”

Aí eu te pergunto, esse trabalho como que vem a produção? Vem uma sequência operacional para vocês fazerem? Uma instrução de como montar ou não, vocês que tem que descobrir o caminho de montar aquela bolsa?

“A gente recebe umas dicas, dependendo do modelo, tipo do showroom, a gente tem que quebrar a cabeça para poder dar conta, muitas vezes vem a piloto (uma peça pronta), a gente tem que tipo assim, “ela está montadinha ali”, mas a gente muitas vezes não tem a inteligência, a cabeça, sei lá o que, de desvendar, não sei se é por causa da pressa, não sei o que é que é preciso a gente ter que abrir a costurinha ali para ver como foi montado, porque nem sempre a gente tem a inteligência eu acho, de ver a peça ali e dizer, “foi montada assim”, e montar, a gente tem que fazer essa abertura e ver como foi montado.”

Tem que fazer igual à peça?

“Isso, por mais que não seja, “ah, fiz igual”, mesmo desmanchando, foi montado assim, mas você vê a idéia de montar de outra forma que dá no mesmo resultado foi igual, o resultado foi o mesmo, mas a gente montou de outra forma que aquela outra pessoa montou.”

Fala um pouco mais da observação que você mesma já fez para mim das outras vezes, dessas diferenças da pessoa que montou a peça piloto, dessa que às vezes está preocupada com uma peça só, mas que não consegue alcançar os melhores caminhos para depois fazer essa produção.

“Já aconteceu de peças piloto, aquela para montar uma, maravilha, às vezes tem que passar a costura em cima da outra e tal, mas na hora que você está fazendo a produção não dá para ir por aquele lado, pelo jeito que foi montado a piloto, porque vai ser demorado demais, você montar uma é uma coisa, várias é outra bem diferente. Aí é que a gente tem quem já pensar, quando pega o showroom, a gente tem que pensar em fazer a produção, que nem sempre a que vem montada, a gente acredita que a pessoa não pensou daquele jeito ia demorar demais para montar a peça toda.”

Quer dizer, tem várias maneiras de chegar ao mesmo produto final.

“Isso, a gente sempre usa aqui a melhor maneira, porque para outra costureira foi melhor aquela, mas a gente procura aquela maneira que vai agilizar, porque como a gente

já trabalha muitas vezes, não em todas as produções, mas a maioria com o tempo, “tantas bolsas você tem que dar em tantos dias”, então eu tenho que saber quantas eu vou ter que fazer por dia para eu alcançar.”

Quando vocês não estão costurando, produção de bolsa, ou produção de roupa, o que vocês fazem de costura? Que tipo de trabalho? Vocês fazem conserto, vocês chegam a pegar encomenda para fazer roupa para alguém? Conta um pouco de como é esse outro trabalho que vocês fazem também que não é produzir para lojistas, como é esse trabalho quando vocês estão fazendo para vocês direto com o cliente final?

“A gente faz conserto, bainha, trocar fecho, conserto em geral com o maquinário que a gente tem, a pessoa traz o tecido, “ah, você pode fazer um vestido para mim igual a esse”? A gente começou assim, a gente ficou meio com medo de fazer, mas fizemos, gostou, deu certo e de vez em quando traz para fazer, outra que a gente copiou os modelos de vestido e a gente fez final do ano doze vestidos ao total para doze clientes diferentes deram certo e a gente só não continuou fazendo por não ter alguém para fazer, porque a gente achou que se ganhou pouco com isso e por falta de tempo também.”

Mas por não ter alguém para fazer você diz é não ter cliente para comprar?

“Isso, porque o preço que a gente cobrou por esses vestidos acharam caro, e a gente já calculou tudo, serviço, esses que a gente fez final do ano a gente já deu o nosso próprio tecido, compramos o tecido e as pessoas vinham, “ah, adorei esse tecido”, e a gente já tinha um montado de tal modelo que a gente tinha copiado, mas acharam caro o valor que a gente cobrou.”

E aí como foi essa escolha do tecido? Vocês já tinham um modelo, não é isso?

“Já tinha um modelo, de viscose, a gente foi na loja pequena de tecido e a estampa que a gente gostava a gente comprou e agradou a galera, só não agradou o preço que a gente cobrou, porque tipo assim, como a gente não tem etiqueta, aí quer dizer, o vestido está bem feito, vestiu bem, a galera gosta, mas chega uma hora que se é uma de marca dá até cem reais, mas você for cobrar menos por esse valor cobra um ou dois, mas depois não quer mais, “ah, não é de marca, não tem nenhuma etiqueta”, infelizmente a nossa clientela é assim, valoriza muito a etiqueta, a maioria que eu conheço é assim. A gente uma vez ou outra não tenha cliente, tem, mas que cobra etiqueta, a gente não tem etiqueta, a gente ainda é pequena, “adorei, vestiu bem, mas poxa tem que ter uma etiqueta”, é sempre assim. Aí a gente achou que por esse lado, não se dá para ganhar, só por esse lado não, fabricando com a clientela que a gente tem não. Talvez, não tenho certeza, mas talvez com a etiqueta, pagariam sem reclamar o preço que a gente cobrasse.”

Para você o que é moda?

“Muita coisa na moda eu não uso, porque eu acho que tem que ter altura um pouco legal e tal, mas eu acho que para mim é uma roupa que vista bem, que fique legal.”

Onde você normalmente compra as roupas que você usa?

“Aqui mesmo, eu acabo comprando aqui na comunidade mesmo e no shopping também.”

Qual shopping?

“No *Barra Shopping*, mas a maioria nas minhas roupas eu compro aqui mesmo de pessoas, de lojas assim... porque eu acho que eu acabo me habituando e que eu acho que até me veste melhor, em mim, não que lá no shopping... eu acho uma roupa linda, mas em mim não fica legal, não vou me sentir bem, não adianta comprar.”

Agora quando você compra aqui, você compra em loja daqui ou compra também nesse esquema de sacoleiro que às vezes vem vender coisa em casa?

“Isso, das duas coisas, em loja e em sacoleira também, sacoleira mais peça íntima, roupa eu já comprei, mas de uma amiga que trazia roupas do Ceará, e que eu gostava e acabava comprando também.”

Você como mãe e dona de casa, você compra a roupa da família toda ou só a sua?

“Eu compro as minhas e a do meu filho, do meu marido só numa data especial, presente.”

E como que é isso para o filho, você também compra aqui? Onde você compra no geral a roupa do teu filho?

“Às vezes aqui e às vezes também no *shopping*, na Barra também, para ele no shopping eu já encontro com mais facilidade do que para mim, como é menino então eu acabo... Por enquanto o gosto ainda é o meu, lá eu me identifico mais para ele, para mim não, para ele sim.”

Para ele você tem alguma loja especial, alguma marca?

“Sempre vou lá para comprar porque a loja é legal, a modelagem é sempre direitinha.”

Qual é?

“Alphabeto lá no *Barra Shopping*, mas não que ele tenha roupa só de lá, tem de outros lugares também, mas que eu me identifico mais é lá.”

Agora para você, como você disse, “eu compro para mim aqui e no shopping”, sendo que aqui você acha que as coisas vestem melhor, ou se encaixam melhor contigo, aqui quando você compra em loja, tem marcas?

“Não, a loja não é de marca”.

A mesma loja que vende na marca do shopping você diz que vende aqui na loja daqui, pode falar o nome da marca.

“Feranda”.

E nessa loja aqui do Rio das Pedras não é uma loja da Feranda, mas é uma loja que tem produto Feranda?

“Isso, a loja adquire não é lá não, no *Barra Shopping* não, é em Petrópolis, e eu acabo comprando mais aqui, porque como já é uma amiga a dona da loja, não que ela vai me dar um preço mais barato, é que ela me dá mais facilidade para pagar.”

Querida que você me dissesse o que é moda aqui no Rio das Pedras? Do que você, como moradora daqui, que circula, que vê as lojas daqui, o que você acha que é moda, que está na moda aqui no Rio das Pedras?

“Tudo que está na moda vira moda aqui também, por exemplo, calça saruel, está na moda, já circula aqui também, não que todas as pessoas vão usar, mas está na moda e a maioria da galera usa.”

E você vê isso circulando rapidamente, está lá no *shopping* e está aqui?

“Rápido, por incrível que pareça, aqui dentro eu vejo muitas pessoas que usam marcas.”

Que marcas? Fala aí o nome.

“Aqui dentro tem uma galera que usa muito Feranda, Opção, já vi umas ou outras, mas eu vejo circulando aqui dentro, principalmente jeans, Cantão, agora como consegue não sei, não sei se compram do próprio dinheiro ou ganham, não sei, mas que aqui dentro circula muita marca, um bom jeans circula aqui dentro, e tudo que está na moda, você vê em desfiles daqui a pouco está aqui dentro, aquelas saias de pala..”

Vocês como costureiras desenvolvem produtos para marcas de moda, não é isso? Os produtos que vocês costuram estão nas vitrines dos shoppings também, tanto bolsa como roupa.

“Isso”.

Vocês vão ao *shopping* ver esse trabalho de vocês nas lojas que vocês sabem?

“Sempre que a gente se dispõe de um tempinho a gente vai sim, mas olha na vitrine né.”

Como assim?

“Por exemplo, a Cantão, eu nunca entrei na Cantão, eu olho do lado de fora da vitrine, porque eu não tenho recurso financeiro, por exemplo, eu vou entrar numa loja só para olhar, eu não entro, se for para entrar só para olhar em lojas famosas eu não entro, mesmo que o produto que esteja lá dentro tenha passado pelas mãos da gente, a gente fabricou, eu não entro. Eu olho da vitrine, “poxa que legal”, dá aquela... a gente gosta, se sente até um pouco importante, “poxa a bolsa que a gente fez está lá, o vestido que a gente fez está lá na vitrine, nossa custa tanto”, se é uma loja muito cara eu não entro, se não é para eu comprar eu não entro.”

Agora você vai para o *shopping* especificamente para ver o produto que você sabe que você fez ou você vai para bater perna e acaba localizando, “ah vamos lá na Cantão porque eu sei que...”, ou você sai especificamente de casa para ver o seu trabalho lá no *shopping*?

“Não, eu sempre vou resolver alguma coisa, às vezes comprar alguma coisa, “ah vou lá na Cantão ver se aquela bolsa vai estar lá na vitrine”.

Você e a Saskia fizeram essas materiais juntas, não foi?(sobre o material fotográfico)

“Foi”.

Eu vou dar uma passada nele, eu acho que vocês passaram esse material em meados de outubro. Vocês tiraram foto de duas lojas diferentes, não foi?

“Foi, uma loja na rua principal do Areal, e a outra lá na Engenheiro, na Rua da Passagem entre a Engenheiro e a Rua Nova.”

Eu estou vendo aqui muita cobra e muita onça. Por exemplo, o que você acha que tem de representativo nesse material, você pode até falar foto por foto, o que motivou vocês a escolherem esses modelos específicos?

“Não que o material que a gente escolheu tem coisas que a gente achava bonito, coisas que a gente achava feio também, mas que... na hora que a gente foi fazer essas fotos ficou difícil, porque você vai numa loja tem vestido e tal, você vai em outra está a mesma coisa, o mesmo produto, não sei bem como funciona, mas pelo menos as minhas colegas donas de loja que eu conheço, juntam e vão comprar no mesmo lugar e acaba que quando chega nas lojas tudo muito parecido, tudo muito igual. É tanto que elas fazem assim, chega na loja, “queria esse vestido, mas eu uso P”, “ah o P acabou, mas só um minuto, deixa eu ligar para a minha colega que ela deve ter”, é muito assim, aqui dentro do Areal é muito parecido as coisas, iguais mesmo, por saírem juntas para comprar acaba comprando o mesmo produto.”

Isso aqui já está parecendo ser outra loja.

“Aqui é a loja da minha amiga... da Rua da Passagem. Você vê lá ela vende também o estilo do Areal, porque vão comprar juntas também, em São Paulo, Petrópolis, e você vê que essa daqui a gente não viu igual...”

Agora como você acha que as informações de moda chegam aqui?

“Eu acho que começam no *shopping*, vão ao *shopping*, vêem aquela moda...”

Mas para o próprio morador, como você acha que chega?

“Televisão e têm esses desfiles, tem uma galera que adora, viu na televisão, viu alguém usando na novela, eu acho que é mais pela televisão, Internet, essas coisas.”

Você falou que tem uma galera que adora ver desfile, eu te pergunto, que canais você tem aqui com esse serviço de TV a cabo que vocês têm aqui, vocês tem acesso a todos?

“Temos.”

Então você acha que a TV que massifica essa informação?

“Eu acho que é: “ah, vi na televisão”, circula em loja, em *shopping*, e acaba comprando.”

O lojista como você acha que ele vai buscar essa informação para ter o produto que o morador quer?

“Por essa minha amiga, essa que eu compro sempre lá, ela sempre que chega, onde ela compra que passa a informação para ela, “a Tonha chegou novidade, a menina lá me ligou e chegou novidade”, ela sempre fala assim, aí acaba ela indo lá pegar que ela pega em Petrópolis, isso eu sei quando ela consegue Feranda, agora com as outras marcas eu não sei.”

Agora nenhum lojista desses daqui já pediu para vocês fazerem roupas para eles?

“Não, por aquele motivo que eu te falei, querem marca, etiqueta.”

Então não é só o modelo. Agora esses produtos têm alguma etiqueta? Que a gente não conheça que não esteja visível, mas por exemplo, que nem você vai na loja

para comprar Feranda, que você sabe que é Feranda, esses produtos aqui tem alguma marca?

“Conhecida não, mas tem marca, sempre tem uma etiquetinha lá. Uma que está em alta aqui no Rio das Pedras, onde você passa se você prestar atenção você vê, é Companhia Fashion, é um jeans, que está uma grande galera usando, eu não comprei ainda, mas são bonitos, é um jeans bonito, não todas, tem uns que são muito escuros, muito colado no corpo que eu não gosto, mas é o que está mais circulado aqui dentro, como as lojas conseguem eu não sei, onde conseguem eu não sei.”

Cadê o look que você falou que está na sua máquina? Então são dois modelos de vestido.

“São.”

Esse aqui não é um produto que está nas lojas daqui?

“Não.”

Mas como que vocês se depararam com isso? Alguém comprou, foi produto que vocês costuraram? Então esses dois modelos aqui vieram para vocês costurarem?

“Foi coisa que a gente costurou na Constantinopla.”

Dessa marca Constantinopla. Essa marca ainda tem loja no shopping?

“Tem, no *Downtown*”.

O que você acha que tem de bonito, primeiro nesse depois nesse outro?

“O tecido é lindo, eu acho, o modelo também, o caimento também, todo bonito, a cor é linda. Final do ano passado que a gente fez. Ela dá impressão até, com essas rosas aí, que é outro tecido, mas é o mesmo, as costas dele têm essas rosas, mas a frente não tem, esse vestido é tudo de bom.”

Esse outro aqui vocês também costuraram?

“Também. Esse foi um dos modelos campeão de vestidos que nós fizemos no final de ano.”

E esse tipo de produto você não encontra aqui?

“Não, você até encontra, ‘nossa que vestido lindo’, mas assim, esses modelos não, nessas lojas daqui não.”

Você assiste a algum programa que traga informação de moda?

“Não, porque eu pouco disponho de tempo, [...] tinha um canal a cabo transmitido um canal do Ceará, mas tinha um programa, M de Moda, as minhas conterrâneas, as cearenses sempre assistem esse canal, tem uns programas de passam de forró que sempre as dançarinas estão usando o que está na moda lá, [...] que lá tem muito esse negócio de moda, porque que quando as pessoas vêm para cá, as minhas conterrâneas, valorizam esse negócio de marca, porque lá, pelo menos na minha cidade, é uma cidade pequena, mas que valoriza muito a moda, a etiqueta, o que está na moda.”

Mas pode ser a própria TV como você fala.

“É. Tem pessoas que eu conheço que moram aqui e que tem acesso a esse cabo, sempre assiste, passa programas de moda, passa programas até de como as pessoas estão se vestindo, apresentadora, umas dançarinas, elas vão muito nisso, “ah então é isso que está na moda lá”, quem valoriza a moda sempre tem esse pensamento de sempre olhar o que está na moda.”

Eu acho que a gente fechou obrigada pela entrevista.

Fim

8.1.3. Entrevista com Sáskia

Saskia, 27 anos, natural de Frecheirinha, Ceará, um filho, ensino fundamental completo.

Você mora aqui no Rio das Pedras há quanto tempo?

“Sete anos. Vai fazer oito agora em outubro desse ano.”

Qual a sua profissão?

“Costureira.”

Quanto tempo você trabalha com isso?

“Desde os quinze anos. Doze anos.”

Você trabalha com outra coisa que não seja costura?

“Não.”

Como você aprendeu seu trabalho?

“Bom, eu trabalhava numa lojinha, na verdade, e minha irmã que trabalhava na confecção... lá no Ceará. Quando eu ia pegar ela na confecção, na hora do almoço, eu ia mexer na máquina, para ‘mim’ aprender, porque eu tinha curiosidade, e também ganhava mais lá. Era uma maneira de eu ganhar mais se eu aprendesse. Aí foi assim, eu fui aprendendo mexer aos poucos e aprendi. Aí quando eu aprendi, eu fui trabalhar numa confecção lá, para poder ganhar mais.”

E aí, chegando no Rio das Pedras, no Rio de Janeiro, como foi o seu contato com trabalho, como foi isso?

“Aí eu, com oito dias mais ou menos que eu estava aqui, eu não conhecia a Tonha, ele veio aqui na casa dela, e eu estava sabendo que ela estava precisando de uma *overlockista* na confecção que ela trabalhava. Aí ela falou que ia falar com a patroa dela, que ia arrumar esse serviço para mim. Aí com oito dias que eu estava aqui eu fui trabalhar na confecção que ela trabalhava.”

E essa confecção qual era?

“Na Constantinopla, ali na Freguesia. Aí trabalhei lá uns, acho que dois anos e meio mais ou menos... Comecei lá na *Overlock*, aí aprendi... E sabia um pouco também de *Colareti*, lá no Ceará também aprendi um pouco de *Colareti*. Aí lá que eu comecei a pegar na reta, porque eu não sabia. Aí aprendi lá na máquina reta. Aí trabalhei lá uns dois anos e meio, sai de lá porque não assinaram minha carteira. E eu queria ganhar mais também. Aí arrumei outra confecção que pagava mais e assinava carteira. Trabalhei mais, acho que três anos, que foi na Ana Beatriz. E depois que eu saí da Ana Beatriz é que eu vim trabalhar aqui com a Tonha.”

Você é uma costureira que poderia ser considerada uma *pilotista*, sabe a ciência de montar uma roupa toda. Como foi esse seu aprendizado, esse processo entre você deixar de ser uma *overlockista*, que às vezes só sabe uma operação, para ir se tornando uma *pilotista*, alguém que sabe montar uma peça do início ao fim, sabe todas as etapas...

“Bom, quando eu me interessei, foi por dinheiro. Porque a *overlockista* ganhava menos na confecção que eu trabalhava. E a *retista* ganhava mais. E geralmente nessas confecções quem mexe em várias máquinas, tem possibilidade de ganhar um salário maior. Então foi por isso, mais pelo dinheiro. E também por você aprender, você tem mais conhecimento. Porque isso serve para você depois. Aí foi por isso.”

E aí assim, como foi essa saída de deixar de ser funcionária de uma confecção para passar a montar o negócio de vocês, trabalhar por conta própria... conta como foi um pouco esse...

“Bom, quando eu saí da confecção, que eu trabalhava há três anos, eu tinha, tinha não, eu tenho uma colega, mulher do meu primo. Ela me incentivava, porque ela já trabalhava em casa, dizia que era melhor, por você ter mais liberdade. Aí eu fiquei com vontade de trabalhar em casa por isso, por você ter, não cumprir horário, você mesmo colocar

seu horário. Aí ela me incentivou, eu comprei uma máquina. Ela disse que eu começasse com conserto... Aí eu vi que não estava dando certo. Aí eu falei com a Toinha e ela quis trabalhar comigo. A gente pegou serviço numa confecção, ela também comprou as máquinas dela, aí a gente pegou o serviço dessa confecção, que a gente já tinha trabalhado, e começamos a fazer roupa. Roupa mesmo.”

“E ainda tinha uma liberdade entre aspas, assim, queria ir num médico, tinha que estar dando satisfação a patrão, faltava... Tinha que cumprir horário.”

Conta um pouco como é esse trabalho, como vocês começaram a trabalhar com bolsa, como os clientes chegaram até vocês... Fala um pouco desse trabalho?

“A gente começou a fazer bolsa através da mulher do meu primo. Ela tinha, ela já estava fazendo com uma mulher lá do Tanque e ela, a mulher estava precisando de costureira e ela indicou a gente, eu e a Toinha. Ficou eu e a Toinha para fazer essas bolsas. No início a gente ficou com medo, porque a gente nunca tinha feito, mas fizemos um teste, deu certo. Mas a gente começou com ela. Aí depois, tem uma vizinha aqui da rua da Toinha, que trabalhava na casa da Luisa, e ela falou que o marido da Luisa estava precisando de costureira. E a gente foi na verdade atrás do serviço dele, de roupa, porque ele fazia roupa. Estava precisando de costureira para fazer roupa. Aí lá a gente conheceu você, no caso, e estava precisando também de costureira e tal. Aí a gente fez um teste e deu certo”.

Agora me explica assim, no trabalho dessa moça do Tanque, tinha umas particularidades, explica como era esse trabalho, como era efetivamente o trabalho...

“Ela trazia o tecido, a gente cortava, a maioria das vezes a gente dava a linha, montava a bolsa e ela levava a bolsa pronta. E às vezes a gente até modelava. Sem mesmo saber e tal, ela trazia só o desenho, a gente tinha um pouco de noção e montava, fazia modelagem, e dava certo.”

Então quer dizer, nesse caso vocês construíam o produto todo...

“Todo, isso. Eu tirava a modelagem. E aí, por exemplo, acontecia de às vezes vir uma peça para copiar ou às vezes um desenho para copiar ou tinha a possibilidade de às vezes alguma alteração ala na foto... Às vezes ela trazia a peça, comprava a peça, a gente tirava da peça. E às vezes ela trazia o desenho também, a gente fazia a modelagem, mas só que com certas modificações, porque nem tudo podia colocar. Porque também a gente não tem prática nisso, modelagem. Aí ela arrumava um jeito mais fácil, para a bolsa ficar pronta e bonita.”

Agora, por exemplo, no caso dessa outra cliente que vocês fornecem que vocês costumam bolsa, conta, assim, para que marcas, para que lojas vocês fornecem e como chega esse serviço para cá, para vocês.

“Agora a gente só está trabalhando com a loja do Cantão, as outras marcas eu não lembro não. Só lembro que a gente trabalhou também para a Sara, porque ela fornecia para a Sara também.”

Aí, por exemplo, assim, vem alguma instrução de montagem ou como chega esse produto... Ele chega diferente de como chegava lá o da moça do Tanque...

“É, vem diferente. Vem cortado, chega cortado, você dá a linha, todos os materiais para fazer a bolsa. Ultimamente a gente tem que quebrar a cabeça para montar a peça, porque às vezes o tempo não dá para poder a gente fazer a bolsa... Assim, como fala.. A gente não tem o tempo suficiente para estudar a bolsa e tal, para fazer mais tranquilo. É mais quebrando a cabeça mesmo.”

Aí assim, quando chega, por exemplo, porque quando chega mesmo o showroom para vocês fazerem, ele já chega com uma peça piloto, que em geral não foi feita por vocês...

“Sim. Foi feita por um modelista, por uma pilotista, porque não dá tempo de fazer isso aqui, porque estamos fazendo a produção...”

Aí quando chega essa peça, quer dizer, vocês têm alguma interferência de modificação, de processo de montagem...

“Às vezes sim. Às vezes a gente procura a maneira melhor de fazer, de montar e mais rápida. Porque às vezes até o próprio montador às vezes não pensou na produção. Porque às vezes a gente tem até um jeito mais fácil, mais prático, que sai mais rápido. E

se a gente achar esse jeitinho a gente muda. Por tanto que não mude no modelo da bolsa, não vai mexer, mas a maneira de montar sim. Às vezes sim.”

Entendi. Agora, por exemplo, quando vocês não estão fazendo, produzindo para terceiros, quer dizer, pro Cantão, para a Constantinopla, para esses clientes que vão vender a mercadoria fora daqui, vocês produziam às vezes alguma mercadoria para vocês venderem?

“Às vezes sim. Ultimamente a gente estava fazendo uns vestidos, às vezes faz shortinho também para pessoas que pedem para a gente fazer. Mas é muito difícil a gente fazer, porque não dá para a gente fazer. Só quando a pessoa chega aqui e pede para a gente fazer e tal. Mas para a gente montar, tipo fazer um estoquezinho e oferecer, não.”

Entendi. Agora como foi esse processo da venda da produção desses vestidos que vocês fizeram, foi no final do ano passado, foi isso? Como foi, da onde vocês tiraram a idéia... Conta um pouco como foi...

“Bom, a gente tinha feito uns vestidos para a Constantinopla, a gente achou muito bonito o modelo, o tecido, tudo. Então a gente guardou a modelagem, o papel que vem no corte. E a gente guardou e as pessoas que viam aqui, amigas, gostavam do modelo e pedia para a gente fazer. Então a gente fez uma certa quantidade desses vestidos. Mas para quem pedia.”

E assim, por que vocês não continuaram a fazer isso, como foi...

“Porque não dá, porque elas acham muito caro. A gente comprava o tecido, cortava, montava e elas achavam muito caro o vestido que a gente cobrava. E porque também exigia a marca...”

Elas achavam caro porque não tinha marca...

“Não tinha marca. Acham caro porque não tinha marca. Hoje em dia tudo envolve marca, as pessoas já exigem. Ou então se a gente faz um *short* ou vestido: “Coloca etiqueta!”... Às vezes, sobrava etiqueta da Constantinopla, as que a gente faz: ‘Bota etiqueta-tinha no short’, tem que ter a etiqueta. Quando as pessoas vêm aqui a gente até fala porque tem pouco tempo que só tem esse modelo: ‘Se você quiser esse a gente faz’, a gente não tem tempo...”

Quando vocês fizeram esses vestidos, vocês tiveram assim algum planejamento de como fazer essa produção? De como vai construir esse modelo, pesquisar e pensar no material que vai empregar...

“O tecido é viscosa, então, a gente tinha que comprar um tecido de viscosa ou parecido pra dar o mesmo caimento, a gente foi procurar encontrar esse tecido. O planejamento era só esse mesmo de tempo e espaço pra cortar essas coisas assim.”

Como é que você acha que dá essa informação de moda que chega pra vocês através dos produtos que vocês fazem... Você já pensou sobre isso, já percebeu isso, entendeu?

“Quando a gente está fazendo a produção é que tem noção. O que está na moda agora? Tipo saia do cóis alto, bolsa grande ou pequena, a gente tem uma noção e sabe o que tem na mão porque a gente produz. Acaba se envolvendo por isso. E a gente também passa nas lojas e vê o que está, vê o modelo. Está geral, em todo lugar a gente vê sempre o mesmo modelo, tecido diferente claro, mas quase as mesmas coisas. A gente vê que está na moda, em todo lugar, na televisão.”

Como vocês trabalham pra determinadas marcas, você chega ir ao *shopping* pra olhar o seu trabalho? Pra olhar o produto que vocês fizeram...

“Não. Só assim, a gente acabou de fazer uma produção, eu tenho que ir no *Barra Shopping* e eu vou passar de frente. Então, eu tenho aquela curiosidade de ver como ela ficou ali na loja e tal, na vitrine, como que ela está bonita. Assim, eu tenho curiosidade. Como eu nunca entrei na loja...”

Você nunca entrou no Cantão?

“Nunca, nunca. Têm certas coisas lá que não combinam comigo. Eu acho que não tem nada a ver. Então, eu passo só de frente e vejo só as bolsas, mesmo que eu não tenha feito. Mas eu vejo os outros modelos que as outras pessoas fizeram. Eu acho muito bonito também.”

E o que você sente assim quando vê a tua bolsa, a bolsa que você fez na vitrine ou exposta na loja?

“Eu acho legal, né... <riso>... A gente vê muitas usando as bolsas que eu fiz e passando ali, eu mesmo não tenho aquela bolsa, mas está ali, está bonita. Eu acho legal.”

Você como consumidora a que você acha que é moda? O que você entende como moda?

“O que eu entendo é assim o que está na moda, na verdade, eu vejo se aquilo combina comigo e se eu gosto. Essa calça saruel está na moda e eu acho bonito, mas não pra mim. O que está na moda pra mim é o que me cai bem, vestiu bem e eu gostar está na moda pra mim.”

E o que você acha que é moda aqui em Rio das Pedras? A relação da moda que seria fora de Rio das Pedras, as lojas de *shoppings* que vocês conhecem também, porque transitam e a moda aqui nas lojas ou feira comercializadas aqui no Rio das Pedras? Você acha que tem alguma diferença...

“Eu acho que tem muita, não, tem alguma diferença, mas é muito parecido. Nessas lojinhas você vê quase tudo o que a gente vê no *shopping*, não, não tudo, mas tem muitas coisas parecidas, modelo e não sei se é releitura, eu não sei, mas tem muitas coisas parecidas. Essa calça saruel, muito macaquinho, muito vestido, vestido longo, macaquinho longo. Eu acho parecido.”

E você já conseguiu perceber se isso que você vê no *shopping* e vê aqui acontece no mesmo tempo?

“Eu acho que sim. A diferença assim é que às vezes aqui é muito, tipo assim, no caso da C&A tem muita coisa lá que a gente vê parecido com o daqui, que é bem mais em conta... Na C&A, eu acho.”

E chega a ter o mesmo produto lá no *shopping* e aqui?

“Tem. Tem muitas marcas lá como Feranda, muitas lojinhas que vendem Feranda. Inclusive eu compro numa loja aqui. Roupas de criança Alfabeto tem. Muita gente vende essas marcas, deixa eu ver outras... eu não lembro mais de outras... Aldeia dos Ventos tinha uma loja, eu não sei se ainda tem... Tudo isso você vê em loja no *shopping*. Então tem muita coisa que eu até prefiro comprar por aqui onde eu conheço porque é no caderninho, é no fiado. Não é dinheiro e nem cartão como é no *shopping*.”

Você costuma comprar a roupa da sua família?

“Eu acho que na maioria das vezes. Do meu filho sempre, né, sempre sou eu.”

E você compra pra ele aqui também.

“Aqui pra ele eu acho que nunca comprei. Eu sempre vou comprar na Freguesia, que é na Overblack ou então no *shopping* mesmo na Toulon, nessas onde vendem roupas masculinas.”

Pra ele você compra fora daqui e pra você?

“Aqui eu também compro pra mim, nessas lojinhas que têm. Nem sempre, mas a maioria das vezes só nessa loja que vende Feranda, blusinha é difícil eu achar aqui pra mim. Eu não tenho muito facilidade de gostar de blusa. É mais peças jeans, calça, short e saia. Blusa eu compro fora ou na Overblack ou na C&A.”

De onde você acha que chegam as informações de moda aqui em Rio das Pedras?

“Através da televisão, não é? Eu acho que a televisão informação muita coisa. O lojista compra fora em SP, Niterói, aonde tem confecção e faz a produção mesmo. Então, eu acho que chega pra gente assim.”

E você costuma ver televisão?

“Muito. Quando eu tenho tempo, eu adoro televisão. Eu gosto muito de novela porque na novela você vê muito o que está na moda, o que está usando. E tem um programa agora no SBT que é *Esquadrão da Moda*, eu adoro assistir aquilo porque aquilo ali dá muito dica, o que está na moda e o que você pode usar. O que vai dar certo pro seu corpo, sua altura, tudo eles explicam e eu acho legal esse programa.”

Pra você e pras pessoas com quem você convive também. Vocês comentam muito...

“Com certeza. Novela principalmente: “Você viu a novela ontem? Viu a roupa de tal?”... Então, eu acho que influencia muito.”

Vocês escolheram fotografar esses aí que vocês escolheram. Então o que você acha que tinha de representativo nesse material?(Sobre o material fotográfico)

E aí esse modelo aqui, é a blusa “número quatro” o que você acha que tem?

“Eu escolhi porque a moça da loja disse que era muito bonita, foi o gosto dela, na verdade não foi nem o meu. Ela disse, tira dessa blusa acho muito bonita. Eu disse então tá bom, vou tirar... Mas eu também não gostei.Essa eu também não gostei não. A maioria das fotos que a gente tirou, foi até a moça mesmo, que ela, deixa ir trocando de blusas... Vê que todas de manga comprida.”

Então você acha que tem um pouco assim, na hora que vocês foram, essa loja que vocês compram vocês tem contato com essa pessoa da loja?

“É difícil a gente comprar lá.”

Mas vocês têm conhecimento?

“Sim.”

Então por isso também você acha que ela quis expor...

“Sim, o que ela tinha o que ela achava de bonito também. Eu acho que na verdade foi isso.”

Entendi. Aí vocês fizeram material também a partir dessa informação dela...

“Isso. Isso chegou novo... Porque lojista tem um papo de vendedor... Então o que tinha chegado de novidade... A gente tirava foto, mas acabava que não gostava.”

Agora, esses modelos Saskia, foram os modelos da Constantinopla... Que vieram para vocês costurarem... Fala aí um pouco o que você achou de bonito...

“Luisa, eu não sei, eu acho que assim, não tem esse negócio de, não acho que não é nem por marca, eu acho que diferencia muito, olha, você vê muito bonito o vestido, também não para mim, ficou muito bonito nela aí. Eu achei linda, a estampa, está todo bonito esse vestido. Eu achei lindo. A gente até tirou o modelo dele também. Mas eu achei muito bonito. Lindo, lindo, as costas linda...”

Era bem verão, porque vocês fizeram isso em dezembro...

“Por aí... Era bem verão mesmo, muita estampa. Esse daí lindo veste bem... Eu falei, vou fazer um vestido desse daí para eu fazer um teste... Cortei uma blusinha para eu fazer uma blusinha. A blusinha veste bem para caramba. A estampa dele também, as costas, veste bem, porque eu provei e as meninas falaram que ficou legal. Eu também gostei, ficou bonitinho.”

Saskia, obrigada pela entrevista.

Fim

8.1.4. Entrevista com Regina

Candida Regina, 29 anos, natural de Frecheirinha, Ceará, mora no Rio das Pedras há sete anos, casada, 2 filho, ensino médio completo.

Qual é a sua profissão?

“Costureira”.

Quanto tempo você trabalha com isso?

“Quatorze anos”.

Você trabalha com outra coisa?

“Trabalho, eu sou também revendedora da Avon e da Natura”.

Como você aprendeu esse seu trabalho de costura?

“Comecei onde eu morava que só tem esse ramo, e como lá é ruim trabalho, então a gente opta por esse mesmo, que é o único que tem, e aí vai da pessoa se vai se adaptar ou não, se a pessoa gosta ou não, se vai ou não continuar”.

Você aprendeu o seu trabalho já trabalhando numa fábrica?

“Foi. Eu fiz um curso e junto, de uma pequena empresa que chegou a falir, e para se levantar foi fazendo curso para ensinar as pessoas para já ir para as confecções, e com o curso eu já fui trabalhando, tudo junto, o curso para aprender a costurar”.

Como você desenvolve esse seu trabalho aqui agora, aqui no Rio?

“Eu trabalhava fora, quis sair, eu tenho cliente fora que é inclusive é o Guilherme, de grande proporção fora, ele é que me repassa as clientes, me repassa o trabalho, sempre é ele e as meninas que eu conheço, quando elas têm umas coisas elas me repassam.”

Mas quando você veio de lá de Frecherinha para o Rio, primeiro porque você veio para Rio das Pedras?

“Eu vim porque meu marido estava aqui e para mim que por telefone fui conhecendo, eu preferia aqui pela facilidade, de ser entre aspas uma proteção para a gente, porque lá no Norte vê muito na televisão que o Rio de Janeiro tem muito acidente, assalto, esse tipo de coisa, então aqui tem certa proteção para a gente, então eu preferi vir para cá por isso.”

Mas você chegou a trabalhar em confecção aqui no Rio?

“Cheguei. Trabalhava em *overloque*, reta, só nunca trabalhei em *colarete*, então eu não tenho habilidade na *colarete*, e trabalhei como pilotista, o último anos que eu trabalhei agora foi como pilotista.”

Quanto tempo você está com as suas máquinas?

“Já tem um ano e meio, comecei com uma, comprei a reta primeiro, depois eu comprei a overloque, a reta tem por volta de dois anos, e a overloque tem um ano, um ano e meio.”

E como se dá esse trabalho? As pessoas vêm até aqui, já te dão as coisas cortadas, me conta um pouco como chega o trabalho para você?

“Geralmente chega através do próprio Guilherme, ele que tem o cliente, que ele não faz mais esse processo, e que me bota para fazer. O processo do Guilherme é só cortar, ele é cortador, então a confecção dele só é de corte, trabalhava com modelagem, mas é dentro de modelagem e pilotagem, que era o meu ramo, aí ele parou e só está com corte, quando ele tem cliente que quer costureira aí ele me indica, e ele tem bastante cliente que vem para mim. Eu não tenho trabalho para ir atrás, ele já me...”

Agora me diz uma coisa que eu fiquei curiosa quando você disse assim, “eu criei esse negocinho aqui, essas preguinhas”, como foi esse processo?

“Eu já tinha feito em outros modelos esses detalhes, só que ela queria uma coisa diferente, que ela não sabia nem explicar o que ela queria, aí eu falei, “eu acho que aqueles detalhes que eu fiz naquelas peças antigas de outro cliente dá para eu encaixar nessa”, fiz, coloquei e ela gostou, e mandou eu fazer.”

Então essa sua experiência lá de pilotista já te serve na hora de encontrar uma saída...

“De botar um design diferente na peça, dar uma diferenciada das que já estão no mercado.”

E você faz isso com muita frequência?

“Faço, sempre que o cliente me dá autorização, “se você quiser criar...”, outra cliente uma que me dá serviço é a Claudia, que me dá, e tenho o Guilherme e a esposa dele que são os que me dão autorização, se eu achar que convém eu posso deixar do jeito que... e é muito difícil eu fazer um design assim e não ficar bom, e ela não gostar, eu já fiz muita peça para ela, tipo, a bainha invertida, depende do design da peça, eu vou e crio outro design em cima daquele para dar um diferencial no mercado, porque para ela vender ela tem que ter uma peça diferenciada e não igual a que já está lá no mercado.”

Agora, essa informação toda que você está me dando, você acha que você adquiriu trabalhando como pilotista?

“Não, como costureira mesmo, porque eu sou um tipo de costureira que gosto de observar o desenvolvimento, a criatividade, e muitas coisas eu sei graças a minha antiga encarregada, que ela ensinava, Regina, assim é melhor para encaixar nessa peça, faz isso que esse detalhe é melhor, então nisso eu fui criando, se eu posso fazer uma peça que é

complicada, uma costura mais rápida, numa outra eu também posso fazer, basta eu estudar a peça antes de eu botar na máquina.”

E pelo o que você está me falando, por exemplo, aqui eu estou vendo que tem uma produção, pequena que seja, mas já tem uma produção, mas provavelmente essa peça piloto veio para você estudar a peça piloto antes da produção, e é nesse momento que você acaba...

“Eu acabo estudando e dando uma melhorada. Eu gosto de fazer isso, sempre que me dão autorização eu faço, agora quando ele não me dá, do jeito que ele me manda fazer eu faço, é ele que está mandando, ele que está me pagando, eu não posso ir por cima dele.”

Você nunca fez roupa para você vender?

“Não, nunca fiz, o pessoal aqui mesmo fala, “por que não faz”? Eu não tenho exatamente fonte de comprar o tecido, eu não sei onde é o mercado que tem o tecido mais em conta para eu ter o diferencial na peça, no preço, eu preciso saber todas essas informações, e é isso que eu estou buscando atualmente, esse tipo de informação.”

Então você tem intenção de fazer para você?

“Tenho, mas eu tenho que pesquisar, eu sou o tipo de pessoa que vou devagar e espero para ver como está o mercado. O mercado de costura é o seguinte, você tem que estar sempre por dentro dele para ver o que está indo na moda, não adianta eu estar aqui... é como se eu não me reciclasse, não fizesse uma reciclagem anualmente, eu fico parada na mesma.”

Mas só para entender, você me falou, “eu preciso saber onde compra o tecido, preciso de um monte de outras coisas...”, para fazer o que seria a sua roupa, mas que não estão nesse saber fazer a roupa, eu queria saber se você saberia fazer uma roupa desde o início?

“Sei, tipo, fazer uma, copiar e em cima daquela criar outra em cima, sei.”

Como consumidora o que é moda para você?

“Para mim é uma coisa que me agrada, que eu goste tanto, como eu falo do preço, do modelo, da qualidade, como eu sou costureira eu já pego uma peça e olho do começo ao fim antes de comprar, não só o preço, e se eu gostar e se todos os itens que eu estou olhando, for bem eu compro se não eu não levo.”

E o que você acha que é moda aqui no Rio das Pedras?

“Aqui o pessoal vai muito por marca, não importa de o modelo é bonito, se é caro, se é bem feito, se é mau feito, a marca, aqui dentro do Rio das Pedras, teria que ter uma coisa bonita, que chama a atenção do cliente, que chama a atenção das pessoas.”

E quando você fala de marca, você saberia me citar quais são as marcas que você observa que as pessoas mais valorizam?

“Tem uma tal de Companhia Moda, é o que mais o pessoal vê aqui no Rio das Pedras. Eu não conheço muito essas marcas daqui não porque eu não gosto muito de observar marca não.”

Mas você percebe que tem esse valor?

“Percebo, porque tem uma amiga que tem loja e ela fala, o pessoal vê mais por marca, nunca que vê pela qualidade da peça, pelo modelo da peça, é mais marca”.

Agora você dizendo que tem uma amiga lojista, então você teria até onde colocar o seu produto.

“Tenho, pior que eu tenho, na hora que eu fizer ela vende o que eu fizer, mas só que eu... Por causa da marca, é uma coisa que não tem marca.”

Você compra roupa aqui no Rio das Pedras?

“Compro, não frequentemente, mas compro.”

De lojas de shopping, de lojas daqui, o que você compra?

“Loja de *shopping* eu geralmente compro as roupas das minhas filhas, C&A tem mais roupa de criança, eu gosto mais de comprar para as minhas filhas lá, e aqui no Rio das Pedras é mais roupa para mim, blusinha, short jeans, esse tipo de coisa assim.”

E você costuma ir a shopping?

“Frequentemente, pelo menos uma vez por mês eu tenho que estar no *shopping*.”

Geralmente para pagar.”

Mas você aproveita para ver vitrine?

“Isso, já joga outra dívida em cima.”

O que você acha que influencia mais a moda hoje, não estou pensando só no Rio das Pedras não, como um todo, o que você acha que mais influencia?

“As pessoas que criam a moda, porque são várias pessoas, porque vem um copia de outro, copia de outro, sempre assim, eles pensam mais no estilo que está vindo, por exemplo, agora está usando muito short fino, daquele short fino eles inventam cor, botam cor, botam outros modelos, daquele design que está no short, aí quando vem o outono já vem uma coisa mais fechada, eles já botam uma coisa mais carregada, aí vai mudando de cor e de modelo de acordo com as estações do ano, que eles usam mais essa base da estação do ano para ir mudando a moda.”

Agora aqui o que você acha que as pessoas ficam sedentas? É pelas novelas, ou pelas vitrines do *shopping*? O que você acha que é mais forte de influencia?

“Eu acho que o pessoal aqui gosta muito de estar olhando as vitrines, comprar muito não é o forte do pessoal não, mas olhar sim, olhar eles gostam muito...”

Você acha que não tem um padrão imposto de moda?

“Não, até porque eu crio uma moda, daqui a pouco você cria outra de outra maneira que vai junto com a minha, e depois cria outra, é uma coisa que vai andando, de acordo com o tempo junto, mas não tem um padrão de moda. Até porque nós mesmas não temos padrão nenhum, não tem um padrão exato.”

Fim

8.1.5.

Entrevista com Bianca

Bianca, Fortaleza, Ceará, 34 anos, 2 filhos, ensino fundamental completo.

Você mora no Rio das Pedras há quanto tempo?

“13 anos.”

Qual é a tua profissão?

“Costureira.”

Há quanto tempo você trabalha com isso?

“Há 19 anos.”

Trabalha com outra coisa?

“Não. Só com isso.”

E como é que você aprendeu esse trabalho? Conta um pouco como é que foi esse teu aprendizado.

“Eu aprendi com 12 anos com a minha mãe, porque lá no Ceará a profissão... lá no Ceará a profissão típica do estado é essa parte de costura, artesanato em geral. Minha mãe fazia calcinha, ela costurava em casa e no intervalo quando ela fazia o almoço e tal, a gente fica com aquela coisa de que menino gosta de mexer. Eu aprendi a dar os primeiros passos assim. A costurinha reta de lado na lateral da calcinha foi o meu 1º passo para aprender a costurar, isso com 12 anos.”

E como é que foi esse processo de aprendizado? Você continuou trabalhando em casa...

“A gente estudava e a minha mãe trabalhava. A gente mexia e era só curiosidade. Não era bem um trabalho, era curiosidade. Quando a minha mãe saía a gente sentava. E aí, tudo o que a gente faz muito, acaba aprendendo. Então, com 12 anos eu comecei a fazer isso na curiosidade, mas eu me profissionalizei com 15. Porque eu entrei numa empresa no Ceará chamada Del Rio, lá contratava menores. Assinava a carteira, tudo boniti-

nho. Oportunidade única na vida da pessoa que era muito humilde e já tinha que ajudar os pais e tudo. A gente fazia o teste que é o teste prático que chamam. Eu nunca tinha pegado uma máquina industrial, mas quando você tem uma noção de costura as coisas ficam mais fácil.”

E aí era máquina reta, não é?

“Isso. Era reta e eu fui pra *overlock*. Foi aí que eu me profissionalizei por quê? Porque você faz 3 meses de escolinha, na empresa. Três meses de escolinha pra você aprender e ver se realmente aprendeu e tem um bom desempenho.”

E lá você trabalhou em outras empresas?

“Trabalhei. Depois da Del Rio que eu saí com 5 anos de empresa, eu trabalhei mais em duas. Então, quando eu vim pra cá eu trabalhava na última que eu trabalhei lá era de *lingerie*, eu só trabalhava com a linha praia, na época. Quando eu decidi vir pra cá, eu vim a passeio, o meu marido na época era meu namorado, já morava aqui. Chegando aqui nunca procurei fazer outra coisa, sempre segui essa minha profissão. É o que eu sei fazer.”

Como foi então essa sua empreitada assim de dizer “Não! Eu não vou mais trabalhar mais nas empresas. Eu vou montar o meu negócio”...

“Na verdade, eu tinha tido essa ideia porque eu estava cansada já, como eu te falei desde os 15 anos nessa vida, então, uma hora você cansa e enche o saco. Porque empresa é aquilo, você vive mais na empresa do que na tua casa. Eu queria parar de trabalhar fora. Mas eu queria estar ganhando o meu dinheiro. Eu pedi pra ser mandada embora, mas estava grávida... então fui demitida 2 meses depois de voltar da licença maternidade. Então, como o meu plano já era esse de pegar tudo e investir nas minhas máquinas. Num 1º momento é claro que não foi aquela coisa, eu não sabia bem nem o que fazer. Mas eu tive paciência e as coisas começaram a acontecer. As pessoas começaram a me procurar pra fazer conserto. Inclusive encontrei aquela moça que foi onde eu dei o pontapé pra fazer serviço pra fora. Aquela moça da bolsa, a Denise, ela me encontrou e eu comecei a fazer coisas assim. E foi aí que começou a engrenar mesmo...”

Agora nesse momento como é que você está desenvolvendo o seu trabalho? Que tipo de trabalho você está fazendo aqui?

“Eu continuo e nunca deixei e tento e não consigo deixar consertos, porque uma vez as pessoas conhecendo o teu trabalho, se for bem feito, a pessoa fica um cliente e não muda. E não sai por mais que eu ache que me atrapalhe, às vezes, quando estou com serviço de fora, eu não consigo deixar de fazer o conserto. Faço também algumas pescas pra mim no qual eu dei um tempo porque não estava dando pra conciliar. Ou eu fazia pra mim ou eu fazia pra fora. Queria fazer roupa e vender, mas não deu também pra conciliar. E nesse período de novembro, outubro por aí, de outubro em diante, é o período que se tem mais serviço de facção. Eu estou no momento com serviço de facção, inclusive dividida com uma amiga, ela que me fornece as peças dela porque eu acho mais cômodo pra mim porque eu já me dediquei muito a esse negócio de facção e que hoje em dia não compensa muito pegar direto porque é muito volume de peças, uma exigência muito grande. E a remuneração não compensa. Então, eu já pego dividido com uma amiga porque não fica muito estressante. Fica uma coisa que eu posso ter tempo pra tudo. Eu ter o meu dinheiro e com tempo pra tudo. Não é aquele serviço que você não tem tempo pra fazer nada. E na remuneração não compensa. É por isso que eu optei. E com pessoas de lojas pequenas também que compensa bem porque eles pagam pela peça. E por ser por pouca quantidade é até vantajoso do que peça por grande quantidade.”

Quando você fala assim “Eu faço facção”, eu sei, mas só pra deixar claro como é que chega o serviço pra você? Chega pra você cortar...

“Chega cortado. É só pra mim (sic) montar a peça, só pra montar. O meu trabalho é montar a peça e cortar nunca. Eu já tive proposta de cortar, fazer a modelagem e tudo o mais, mas como é uma área assim que você tem que ter uma certa especialização naquilo, eu até faço. ...Não é uma coisa pra fazer pra fora. Porque eu acho que você tem ter mais uma especialização naquilo. Até pra sacar os problemas que podem vir acontecer.” “Eu já tive proposta pra cortar, mas eu não aceito. É só montagem de peça nessa questão pra

fora. Quando é as minhas próprias peças, eu pego e tiro a modelagem e tudo. Apesar de não ser especializada, mas sou bem inteligente e dá pra mim fazer assim com a qualidade como eu faço pra qualquer loja bacana ou não. Faço com a mesma qualidade que faço pra um cliente particular.”

Quando você faz essas peças pra você mesmo que sob encomenda, é você que faz todas as etapas.

“Todas as etapas. Eu compro o tecido, eu faço a modelagem, eu não vou dizer “Eu faço isso porque eu sei fazer”, não. Eu tentei e graças a Deus deu certo, a pessoa queria igual a um modelo que estava na revista, eu fiz. Mas geralmente eu faço assim pego uma peça da pessoa pra tirar a medida por ela, é muito mais fácil. Eu faço a modelagem no papel. Eu nunca corto direto. E do papel eu faço pro tecido e confecciono a roupa.”

E esse trabalho que você já fez pra você, algumas vezes você já inventou algum modelo? Você já criou alguma coisa?

“Bem, eu não inventei o modelo, na verdade, eu não criei. Vamos dizer que eu modifiquei. Aquele modelo, mas com detalhe diferente pra dar uma diferenciada. Eu dei uma modificada. Não era exatamente do começo ao fim, apesar de que a minha cabeça trabalha muito, muitas das vezes eu mesmo penso como poderia até ficar melhor daquilo que estou vendo. [...] Porque você trabalha muito com raciocínio, você não é uma coisa, que nem que você pega uma peça de facção que vem cortada e é só você montar. Não tem segredo nenhum. E já uma peça feita pra você confeccionar ela do começo ao fim, você tem que parar e pensar o que você está fazendo. Primeiro de tudo é parar e pensar: “Vai ficar legal assim? Posso acrescentar mais alguma coisa?”...

Quando você diz do trabalho pras lojas pequenas, você acha que o seu trabalho tem possibilidade de interferir alguma coisa no modelo, na peça final ou não? Ou já chega pronto só pra você executar.

“Tem sim por ser de coisa pequena, eu tenho contato com a própria pessoa, o próprio dono, não tem intermediário... Quando eu tenho dificuldade de fazer determinada coisa, igual a pessoa pedir: “Eu quero um viés de 3cm e eu vejo que não fica legal naquela peça, naquele tecido, eu digo: “Vamos botar um de 4 cm que fica muito mais bonito”... Eu posso modificar nessa seguinte questão, como eu sei o que estou fazendo, eu posso até opinar. Às vezes a pessoa nem está entendendo o que eu estou falando: ‘Bianca, faz do jeito que você achar melhor!’... A pessoa confia porque eu sei o que estou fazendo, eu sei trabalhar com isso. Eu não tenho medo de fazer nada nessa questão de trabalho, principalmente em malha, eu não faço tecido plano porque eu não gosto, eu não tenho prática. Eu não tenho medo de ninguém: ‘Ah, porque fez faculdade!’... Ninguém discute comigo sobre isso, só se sentar e fazer melhor. Eu não tenho medo de fazer nada. E se eu estou fazendo aquilo é porque realmente aquilo tem que ser feito. Até me dão essa carta branca por quê? Porque eu passo essa segurança de que eu sei o que estou fazendo. E se eu fiz assim é porque realmente está bom assim. Tem gente que fala: ‘Bianca faz isso, isso, e isso nessa roupa’, eu falo que não tem condição. Porque na cabeça de quem não tem noção é tudo muito fácil, tudo encaixa em tudo, mas não é. Loja pequena quando me dá pra fazer roupa e eu dou a minha opinião, elas confiam plenamente que eu posso mudar alguma coisa.”

E você atribui isso a facilidade de contato com quem vai tomar a decisão.

“Isso. Numa empresa grande eu teria que falar com a chefe, a chefe ia passar pra quem tinha contato com o patrão e tal. E tem mais, numa empresa grande eu nem me atreveria a mudar nada. Geralmente, uma empresa grande está fazendo já pra uma determinada empresa também, uma determinada loja. Vamos dizer assim uma Espaço Fashion bota as roupas dela numa facção, numa confecção. Ela corta e a pessoa distribui o serviço. Você não pode mudar um ponto se quer daquilo ali. Aquilo foi estudo, foi feito e tal, que seja feito, ruim de fazer, mas você tem que fazer daquela maneira. Essa é a diferença pro pequeno.”

Como consumidora o que é moda pra você?

“Moda pra mim, eu sei que é uma coisa comum de todo mundo falar, mas moda pra mim é você se sentir bem com o que você está vestindo. Eu acho que tem certas mo-

das e falo até por mim mesma aqui como essa moda da saruel. Não adianta pode ser a rainha da Inglaterra vestida nela, naquela roupa, eu não vou vestir porque está na moda. Eu vou vestir se eu olhar no espelho e achar que está bonito. Então, pra mim moda é isso é você pegar as peças que está ali pra vender. Eu acho que tudo que está pra vender está na moda. Moda pra mim é isso e você se achar, sabe? “Estou bonita!”... Pega a roupa e sai sem medo de ser feliz. Agora você pegar uma roupa porque todo mundo está usando, doida pra chegar num lugar e se esconder, sentar e tal, pra mim isso não é moda, a roupa pode ser deslumbrante, com ouro, com brilhante, se eu não estiver me sentindo bem, pra mim, pelo menos é a minha opinião, pessoal.”

É a sua opinião que eu quero. O que você acha que é moda aqui no Rio das Pedras?

“Aqui é complicado. <riso>... Aqui é complicado por quê? Porque eu não sei bem, tipo assim, as pessoas perdem um pouco da noção do ridículo também. Talvez nem seja porque é favela, como a gente não tem contato com outros lugares, eu estou falando por eu ver aqui. Não é porque as pessoas são mais humildes, se vestem de determinada maneira, não. Só que aqui é assim, aqui você vê que raramente, você vê aquelas pessoas que estão bem, como se diz? Eu nem sei dizer a palavra, estão tendo noção do que estão vestindo. Poucas vezes você vê isso, assim, são poucas pessoas, você consegue destacar as pessoas, que está tendo aquela coisa ‘Nossa! Estou bonita, estou elegante!’... Na maioria das vezes as pessoas vestem o que tem. Não é bem o que podem ou o que querem. Então, pra gente não é legal, como eu já vi muitas vezes a pessoa trabalha numa casa de família, bota aquela bolsa social, aquela bolsa chique que é pra noite, com um shortinho bem curtinho, um sapato que não tem nada a ver. Enfim, aqui a moda é muito complicada. Às vezes eu sento ali fora, principalmente final de semana, fica um pouco complicado de falar moda aqui assim porque na verdade as pessoas não vão muito nessa questão de moda. É mais aquela coisa de ‘Eu visto o que eu tenho’. Eu estou falando no geral..Porque têm pessoas que se preocupam e passam um mês todinho pra comprar uma calça da moda, uma roupa da moda, de marca até. Têm pessoas que se preocupam com isso. E tem pessoas que até poderiam se preocupar se tivesse condição. Mas vive na condição que pode, então, veste o que tem. A moda não fica muito em 1º lugar. Fica aquela coisa que você olha e diz: ‘Nossa! Que coisa feia!’... Mas no mesmo instante que você acha feio, você entende que é o que a pessoa tem pra vestir. Então, a gente não vai julgar.”

E com relação ao comércio e as lojas daqui o que você acha?

“Eu acho que tem muita coisa bonita. Até mais do que em loja de shopping, até. Bota uma loja no shopping porque tem condição financeira, mas não porque as coisas sejam bonitas, eu estou falando particularmente... ‘Nossa! Que coisa linda!’... E falo até por condição social, porque cada um se veste da maneira e pro lugar que você frequenta. Você não vai botar um vestido de tafetá, de seda, sapato fino, pra ficar num churrasco na laje, não é? Eu acho assim que cada determinado lugar faz a moda pra aquela determinada situação, inclusive financeira de cada um. Mas apesar daqui ser uma comunidade e tal, tem lojas com roupas muito bonitas, não deixa a desejar até pra lojas de shopping. Nossa! Tem lugares com roupas assim que dá vontade de pegar cada uma. Têm roupas muito bonitas, mesmo. Bem elaborada, bem trabalhada, qualidade ótima. Como também tem lugares que a roupa não é muito bonita, o acabamento também não é lá essas coisas. Mas aqui tem muito mais lojas com roupa legal.”

E você enquanto consumidora aonde você consome as tuas roupas?

“Apesar de achar tudo legal, muito bonito, eu costumo comprar mais em lojas de shopping. Não é loja de bacana, lógico, é C&A, Leader, eu compro mais pros meus filhos, eu gosto de roupa de criança da C&A. pra mim, eu tenho duas pessoas amigas que têm lojas aqui, a Hilda e a Ana. Elas têm lojas e vão pra SP, Petrópolis, e trazem roupas legal. Eu gosto das calças que vestem muito bem. Então, eu costumo comprar roupa pra mim, com elas. Inclusive uma das lojas é daqui. As lojas são diferentes, mas o estilo de roupas parecidas. Eu gosto e acho bonito. São coisas de bom gosto.”

Duas coisas Bianca, você falou num momento sobre marca, que peso você acha que tem hoje em dia pra marca, assim as marcas tanto aqui dentro da favela como fora. Como é que você acha que é...

“Marca como você frisou que é a minha opinião, não importa o que as outras pessoas pensem, marca pra mim é só etiqueta. Não tem diferença, sabe por quê? Como eu já trabalhei e até aqui em casa mesmo já trabalhei assim eu posso fazer uma roupa exatamente igual aquela que estou fazendo pra determinada loja e marca, simplesmente a única diferença é que não vai ter aquela etiqueta. O que dá valor a peça é o nome da marca, não é que qualidade do produto. Porque se fosse assim a mesma roupa que eu faria pra ela, para aquela marca, eu não conseguiria fazer pra mim. Eu estou falando até na questão de fabricação. Porque se eu estou fazendo ali, eu consigo fazer muitas vezes num tecido melhor, e tudo. Então, eu nunca dei muita importância essa questão de marca. É bom, é claro, se eu tivesse dinheiro e fosse rica, já mais eu ia estar falando que marca não é importante. Importante é porque eu só ia estar vestida com marca. Mas pela condição minha que eu vivo eu não me importo com marca porque eu não vou pagar R\$500,00 numa etiquetinha assim. Claro que um jeans uma roupa mais sofisticada eu não consigo fazer exatamente igual. Mas uma blusa de malha, um vestido como que eu até já fiz, por exemplo, do Espaço Fashion que cobra R\$50,00 numa blusa, eu faço uma igual, num tecido até melhor, e eu vou no mesmo lugar que aquela pessoa vai estar com aquela blusa da Espaço Fashion de 50, eu vou estar com a minha que custou R\$10,00 o tecido e eu fiz. Então, eu nunca me liguei nessa questão de marca. Eu continuo pobre, lógico, mas já fui bem mais um dia do que sou hoje em dia. Eu tive muito mais dificuldade financeira. Então, pra quem já vestiu roupa dada pelos outros, de repente outras pessoas pensam diferentes: ‘Agora eu posso comprar de marca. Eu vou comprar de marca’... Eu continuo como antes e se posso comprar numa lojinha aqui do Rio das Pedras, ali na C&A, eu não me ligo em marca. Eu acho que estaria pagando só pela etiqueta, só pra representar e falarem: ‘Nossa! Fulano está com aquela marca!’... Tipo: ‘Fulano está podendo!’... É só isso que representa pra mim a marca. É o poder de aquisição, poder financeiro. Onde entra uma pessoa com a melhor marca do mundo... Então, Luisa, eu não me ligo muito nessa questão de marca, não. E se eu tiver um dinheiro sobrando, guardado, por mais que eu ache bonita, jamais, eu não dou por ser de marca. Só se realmente eu achar linda: ‘Nossa! Veste muito bem!’... Tudo bem, mas não por ser de marca.”

Com relação a informação de moda. Como é que você acha que chega essa informação de moda aqui na favela? O que você acha que influencia a moda...

“Eu acho que mais nessa coisa de programa mesmo, vamos botar uma novela, está saindo muito aquela calça *legging*, inclusive chegou numa loja e a menina trouxe muito, e eu fiquei me perguntado: ‘Por que ela tinha comprado tanto?’... Depois de noite eu vi a menina na novela com o short igual aquele que está saindo com o bolso aqui pra fora, cheio de brilho, lantejoulas. Eu acho que é mais isso. É o que está em foco. O que está aparecendo muito na televisão. Então, elas vão pra SP, Petrópolis... É o que está em foco, é o que aparece mais na mídia. E não é diferente de outros lugares, de outras lojas, é o que está na mídia. É o que está aparecendo muito. Tipo o que artista veste e tal. Não é de marca, mas é similar. É aquele modelo. É muita mídia, relacionada ao que está aparecendo na televisão. Os lojistas vão e compram porque sabem que está em alta. Hoje em dia qualquer loja tem bolerozinho de renda, está em alta. Todo mundo vê na televisão. Essa calça *legging* com shortinho por cima. É o que está em foco assim na mídia.”

Você costuma ir a *shopping*?

“Eu não gosto, mas eu vou às vezes. Eu não gosto muito, não.”

E você vai mais com que intenção?

“Quando eu botar o meu projeto pra funcionar eu vou ter que ir mais vezes, pra olhar a seção que as pessoas estão procurando mais na loja. Por ali você tira o que está..., até mesmo modelo, a questão de modelo pra você ver. Eu sei que vai chegar a época de frequentar mais. Mas eu não gosto muito não. É um programa que não gosto muito de fazer”.

8.1.6. Entrevista com Dos Anjos

Dos Anjos, 48 anos, Paraibana, dois filhos, estudou até a quinta série do ensino fundamental.

Mora no Rio das Pedras há quanto tempo?

“Trinta anos.”

Qual a sua profissão?

“Costureira”

Há quanto tempo você trabalha com isso?

“Trinta e cinco anos.”

Você já trabalhou com outra coisa, ou trabalha com outra coisa que não seja costura?

“Não.”

Como você aprendeu esse trabalho?

“Vendo a minha irmã costurando e eu aprendendo”.

E aí você já foi trabalhar depois em oficinas ou você fazia serviço para fora?

“Fiquei trabalhando em casa com a minha irmã, aí depois eu vim para cá e continuei”.

Aqui você sempre trabalhou também por conta própria?

“Não, sempre trabalhei em fábrica”.

E você era costureira e depois trabalhou como pilotista, me conta como que foi isso?”

“Eu nunca trabalhei como pilotista, nas duas fabricas que eu trabalhei, eu fiquei seis anos numa na Freguesia eu era costureira, mas eu chefe de produção, de lá eu saí e fui para esse que eu trabalho hoje, fiquei mais seis anos e trabalhei como costureira e chefe de produção também, e de lá eu vim para cá.”

Sempre confecção de bolsa?

“Não, a única de bolsa foi essa, o resto foi tudo roupa”.

Quando você foi trabalhar em bolsa...

“Aí não tinha mais, só tinha reta, (?) embutido, braço era mais para fazer duas costuras”.

Agora como você desenvolve o seu trabalho hoje, na sua oficina em casa?

“Eu trabalho para um cliente só, eu recebo serviço tudo, eu não compro nada, vem tudo dele e eu faço”.

Vem tudo cortado?

“Vem tudo cortado, eu só faço, só costuro”.

Agora, você interfere em algum momento na maneira de produzir, já que a parte de costura sai toda daqui, só não é feito o corte e a modelagem, e aí você tem alguma atuação na mudança de algum processo de montagem?

“Tenho.”

Em alguns casos você observa que você está fazendo diferente de como foi feita a peça piloto?

“Tenho. Muitas vezes, vamos supor, você fazer uma peça é uma coisa, agora você fazer quinhentas peças é outra, então às vezes eles fazem uma coisa numa peça só que dá muito trabalho e eu mudo e fica mais fácil de fazer, e às vezes até mais bonito.”

Mas não compromete o resultado final

“Não, de jeito nenhum.”

E às vezes o cliente nem percebe a modificação?

“Mas aí eu faço isso, faço uma piloto, pego a minha, e levo para as pessoas que eu trabalho e falo assim, ‘isso aqui é mais fácil e está mais bonito, é um acabamento melhor’ aí eu sigo o meu.”

O pessoal autoriza.

“Autoriza, eu nunca faço pela minha cabeça não... eu faço só uma da minha cabeça, aí vou mostrar para eles o que é melhor.”

Como que foi essa sua saída de trabalhar para os outros e vir trabalhar por conta própria?

“Esse rapaz que eu faço esse serviço hoje, ele tinha um Box aqui na Engenho d’água, aí estava muito caro e não deu, aí ele ficou por isso aí, perguntou se eu queria, aí eu aceitei, gostei.”

Então foi uma iniciativa dele, ele que fez essa proposta?

“Ele que disse que ia sair de lá, porque estava muito caro, não estava dando mais e seu eu tinha condições de trazer duas máquinas dele, uma, duas, três, quantas eu quisesse, e trabalhar em casa e eu mesma escolheria a minha equipe, eu escolhesse quem eu quisesse, quem quisesse também, que viesse para cá, aí eu escolhi, eu trouxe as máquinas, trouxe minha equipe e estou até hoje.”

Você trabalharia novamente empregada?

“Não. Só se não tiver outro jeito, mas por opção não, é bem melhor.”

Tem mais liberdade né?

“Mais liberdade e a gente quando tem condições, tem período que você tem que ganhar mais, nem que você trabalhe um pouco mais, mas o que você está fazendo é seu, não é igual você trabalhar lá fora e a gente fica uma hora, duas horas, três horas fora do trabalho para ganhar uma mixaria, porque é uma mixaria uma hora trabalhada lá fora, e aqui não, se eu faço dez bolsas o dinheiro é meu. Tem aqueles dias como você falou, ‘fica parada e eu prefiro descansar’. Às vezes falta serviço uma semana, mas aí chega, ‘ah quero isso para semana que vem’, aí eu tenho que trabalhar para entregar no dia certo. Porque eles também trabalham com esse planejamento. Eles tem dia para entregar lá e eu tenho dia para entregar a eles também.”

Quanto tempo você está trabalhando fora... nesse esquema?

“Aqui em casa três anos e meio.”

Quando você não está produzindo para terceiros, você eventualmente faz alguma mercadoria para vender?

“Não, porque para eu fazer uma mercadoria para eu vender eu tenho que sair, comprar material, e tem que pegar os modelos dos outros.”

Essa sua prática de fazer você não faria um modelo da sua cabeça?

“Não.”

Teu negócio é costurar mesmo.

“Costurar, não sei modelar, cortar qualquer um corta se tiver a modelagem.”

Como você trabalha nesse setor de moda, o que você acha que é moda hoje? E o que é moda para você?

“Moda para mim... Eu não acompanho moda, eu uso o que eu gosto, eu não acompanho cor, eu não acompanho moda, eu uso que eu gosto, eu faço só bolsa da moda, todo mês vem diferente, tudo da moda, mas eu não acompanho moda.”

Você trabalha aqui para marcas consagradas, eu estou vendo aqui tem Via Mia, e você falou que já trabalhou para várias marcas, hoje nesse momento vocês só estão fornecendo para a Via Mia?

“Isso.”

Mas quando você trabalhava lá na Engenho D’água, ele fornecia para diversas marcas, você pode falar algumas?

“Osklen, Ecletic, Cantão, várias, tem mais, mas eu não lembro.”

Agora me fala como foi a sua chegada aqui no Rio das Pedras, o que te fez cair aqui no Rio das Pedras?

“Porque eu tenho irmão, na época tinha irmão que morava aqui e eu vim direto para a casa dos meus irmãos.”

E como foi a sua inserção no mercado de trabalho aqui no Rio de Janeiro? Você já tinha experiência profissional de lá? Já tinha trabalhado em fábrica de que?

“De roupas, jeans, várias coisas de marca, já trabalhei em malharia sem marca, em vários lugares. O melhor de todos é fazer bolsa.”

Onde você compra as suas roupas? Aqui mesmo no Rio das Pedras, você vai ao shopping?

“Tem uma lojinha aqui na frente que eu gosto muito de comprar, mas eu compro também muito no *Barra Shopping*, eu vou muito.”

Em que loja do Barra Shopping você compra?

“Quando eu gosto, qualquer uma.”

Mas quais são as que você, “sempre que eu vou nessa loja...”

“A Ecletic é uma loja boa, Cantão também.”

E daqui?

“Tem uma loja aqui que eu vou muito... eu compro sempre no cartão, eu acho melhor.”

Sabe, se o que a gente encontra aqui é a mesma coisa que você encontra no shopping?

“Encontra.”

E preço, você acha que tem diferença de preço daqui?

“Eu acho aqui mais barato.”

Muito mais barato?

“Não. A loja do *shopping* é aquilo, quanto que é um pagamento de uma loja de *shopping*? Caríssimo né? Aqui eu acho mais barato, então eu vou comprar com cartão mesmo, tanto faz aqui como lá, eu compro aqui mesmo. Eu gostei em qualquer lugar eu estou comprando, estando dentro do meu orçamento.”

Obrigada.

8.1.7.

Entrevista com Nete

Nete, Frecheirinha, Ceará, 33 anos, três filhos, ensino médio completo.

Você mora aqui no Rio das Pedras há quanto tempo?

“Cinco anos.”

Qual a sua profissão?

“Costureira.”

Quanto tempo você trabalha com isso?

“Desde os meus dezesseis anos, dezoito anos.”

Você trabalha com outra coisa que não seja costura?

“Eu faço isso e mando também confecção para o Ceará para vender, eu compro já pronto e mando.”

Aí seria comércio, mas você compra aqui no Rio?

“Não, em Petrópolis e mando, mas é pouca coisa.”

Como você aprendeu esse trabalho de costura?

“Foi sozinha, eu estava passando por necessidade, eu engravidei com dezessete anos, era casada e separei, depois de separada eu engravidei do meu marido e eu não queria mais ele, meus pais, tipo assim, ‘você vai ter que criar, você vai ter que trabalhar para cuidar do seu filho’, aí eu fui trabalhar.”

E você foi trabalhar em fábrica?

“Fui, era arrematadeira, tirava linha, eu doida para costurar na máquina e a minha patroa dizia assim, ‘não, porque ela vai perder as calcinhas’, aí quando ela ia almoçar eu pedia as meninas, ‘deixa eu costurar, ela não vai saber não’, depois eu até contei essa história para ela, aí eu peguei a calcinha, comprei, já que ela não deixava, desmanchei em

casa e fiz, não passei no teste, aí levei em casa, desmanchei de novo, aí consegui, aí quando eu consegui eu precisava de mais habilidade para correr, para ter produção, aí eu vendo aquele desempenho das meninas, sem conversar, foi aí que eu comecei, foi sozinha, ninguém me ensinou, ninguém chegou, ‘senta aqui, é assim, assim’, foi eu sozinha.”

“Entendi, desmanchando as peças e querendo trabalhar de costureira na confecção que você estava ali. E como costureira lá você teve algum treinamento?”

“Não. Quando eu comecei foi mesmo para valer, depois eu fui ser a melhor costureira da minha patroa. Ela contava para todo mundo sobre isso.”

E você trabalhava com que máquinas?

“Com industrial mesmo, *overlock*, *colarete*, tudo, umas máquinas que eu nem vi aqui que eu trabalhava lá.”

Agora nessa cidade confecção é tudo de moda íntima, tudo de calcinha, sutiã?

“Lá é. É muito forte, é muita fábrica, exporta para fora do Brasil.”

E para que você veio para o Rio de Janeiro e para Rio das Pedras?

“Porque eu queria sair da cidade, que eu era mal falada, mas graças a Deus, devido a eu vir para cá, a minha vida mudou.”

Mas você conhecia alguém aqui?

“Minha irmã. Morei um mês na casa da minha irmã, na Taquara, aí fui trabalhar, e não voltei mais para a casa da minha irmã, arrumei um parceiro e até hoje estou com ele.”

E depois da Taquara porque você veio morar no Rio das Pedras?

“Aqui o movimento, o Forró, tudo isso me trouxe para cá, porque eu sou nordestina né, na Taquara não tem tudo isso, aqui não, tem muito nordestino.”

Como foi esse seu episódio de sair de trabalhar para os outros e começar...

“Olha, eu fui mandada embora por causa de uma briga que houve comigo... lá no Gardênia. Eu já queria montar o meu negócio, aí foi desde lá, cheguei em casa, meu marido muito aflito porque eu tinha perdido o emprego.[...] eu vou pegar esse dinheiro que eu recebi lá do Gardênia, vou comprar as minhas máquinas, vou dar entrada numa, duas, três, sei lá quantas for, e vou começar a trabalhar por conta própria”

Há quanto tempo você está com o seu negócio?

“Dois anos.”

Você está sempre com serviço...

“Estou, não falta não.”

E como os clientes chegaram até você? Foi através dos seus patrões?

“Foi, porque mesmo assim eles não queriam me perder, porque eu era uma boa costureira.”

Essa que te mandou embora por causa da briga...

“Todos que eu passei, eu sou uma boa costureira, eu só não queria assim, eu só ia no dia que eu queria, eu era aquela costureira boa, mas que... O modo de falar lá no Ceará é bonequeira...”

Bonequeira é isso? Só vai quando quer?

“É, quando eu cismava de não ir eu não ia, então isso não era... eu acho que eu amadureci depois que eu saí que eu vi que a responsabilidade era maior.”

Agora quando você está com o seu negócio.

“É, porque se eu não tivesse responsabilidade... eu não tinha ainda amadurecido, tipo assim, como o meu pai fala, eu vim criar juízo aqui, eu era uma menina que não tinha a cabeça no lugar, para mim tudo estava bom, e hoje não, hoje graças a Deus eu tenho responsabilidade, se disser assim, ‘tem que entregar tal dia’, eu entrego, acho que isso é importante.”

Os seus ex-patrões se tornaram seus clientes?

“Foi eles ligaram para mim: ‘Nete, você está trabalhando? Estou, mas é em casa. Tu quer trabalhar para mim?’, aí mandava as coisas, e achei bem melhor porque ninguém está mandando em mim, eu abro a hora que eu quero, só que eu tenho aquela responsabilidade, de pagar o aluguel, de cumprir com os meus atos, por isso que eu acho que o mundo girou para mim depois que eu abri meu próprio negócio.”

Você acaba trabalhando até mais do que você trabalhava, só que tem mais liberdade.

“Isso, trabalho mais, mas com mais liberdade, se eu não quiser trabalhar eu fecho que vou para casa, e se eu tivesse na firma não, eu pago meu INSS por fora e pronto. Se tiver um sol bem quente, “ah eu vou para a praia”, e vou, e na firma eu não podia fazer isso, “ah tem uma reunião do meu filho”, eu tinha que pedir autorização para ir, hoje não preciso disso.”

Eu estou vendo que você tem dois tipos de trabalho aqui, um é esse que você diz de pegar serviço e trabalhar com confecção, me conta um pouco como você desenvolve esse seu trabalho de confecção com os teus clientes?

“Já vem cortado.”

E na maioria das vezes esse que você leva e traz você não entrega passado?

“Não. Entrego limpo e arrematado.”

Tem casos onde você tem que cortar?

“Não, só as minhas mesmo, tipo assim, a pessoa vem e me encomenda aí eu corto e faço tudo.”

Agora quando você faz a sua costura, o seu produto, como que é esse fazer? Você faz só se alguém te encomenda? Mas como você faz isso? Vê alguma informação de moda, parte de algum tecido?

“Por exemplo, vem uma peça piloto de alguém, eu vejo o modelo e tiro para mim e faço. Compro o material e faço, fica em conta para mim, por exemplo, uma blusa que estão cobrando aqui a trinta e sete reais, eu vou comprar ali o quilo de malha dá para fazer três blusas, que dá para eu tirar numa blusa o lucro.”

Mas por exemplo, o que você faz aqui vai vendendo?

“Vende sim, tudo que eu boto vende.”

Você já tem então uma clientela...

“Ainda faço conserto de roupa, o que dá dinheiro é o conserto, não é isso aqui que dá dinheiro, o que dá dinheiro é o conserto que é pagamento a vista, isso aqui não é a vista, paga a metade e outra metade com um mês.”

Agora eu estou vendo que nesse momento você está trabalhando sozinha?

“Sozinha, mas é porque o forte é você ter uma pessoa, para quando você sair estar ali, só que geralmente ninguém quer mais trabalhar assim, todo mundo hoje quer ter o seu próprio negócio, então não trabalham por prazer, se eu colocar duas costureiras aqui não dá a produção que eu dou, eu faço coisas que duas costureiras não conseguem fazer num dia, porque eu trabalho com gosto, porque é meu, eu vejo por esse lado, não sei se é verdade..”

Então é preferível ter elas parceiras?

“É.”

Ela também ter produção e trabalhar na casa dela, é isso?

“É, porque aí ela vai se interessar em fazer, porque hoje em dia, lógico que em firma grande uma peça dessa aqui não sai por três reais para ele, sai por muito mais caro, então é isso que eu estou te falando que é a facção, não é aquele valor definido, lá sim tem como você pagar costureira e a costureira vai ganhar, mas assim não tem como.”

Você modela? Como você aprendeu a modelar?

“Modelo, aprendi sozinha, ninguém me ensinou nada. Quando eu era pequena a minha irmã fazia roupinha de boneca, então eu via aquilo, ela cortando, a primeira vez, eu sendo costureira lá no Ceará, porque costureira é uma coisa, operadora de máquina é outra, costureira sabe fazer tudo e eu era operadora de máquina. Então eu comprei um tecido para fazer uma blusa, meu Deus será que eu vou saber? E fiz tudo errado a primeira vez, cortei o pano todinho e não deu para aproveitar nada, e não fiz a blusa do jeito que eu queria, então foi isso, eu fui comprando pano e cortando do meu jeito, e cheguei até o pouco do que eu sei, hoje eu já faço roupa, tudo que você me trouxe eu faço.”

O que é moda para você?

“É tudo, adoro moda.”

Me fala melhor, você acha que esse seu envolvimento com costura teve haver também com esse gosto?

“Não, moda para mim é assim, o mundo que nós vivemos hoje é moda, o pobre não quer mais viver sem moda, ele quer estar sempre na moda, quer estar sempre bem vestido, vamos supor que ali tem um jaleco que está na moda, ‘ah vamos comprar? Está na moda’, então a moda é uma evolução para cada um de nós, por exemplo, eu não ia comprar um biquíni que está ali exposto se ele não está na moda, tem que comprar tudo que está na moda.”

E o que é moda para você aqui no Rio das Pedras? Tem alguma diferença? Você encontra alguma diferença entre o que está acontecendo aqui e o que está acontecendo no shopping?

“Não, aqui sempre acompanha, porque aqui eles compram já coisas lá de Petrópolis e tudo está na moda, eles sempre estão trocando as roupas, eles compram e se não vender vai lá e troca por outra coisa, então eu acho que eles trabalham assim.”

Então a informação de moda está chegando na mesma velocidade que está chegando nos shoppings, nas lojas chiques?

“Está, só que o tecido das lojas chiques é outro.”

E você como consumidora de moda, onde você compra, o que você acha bonito?

“Eu sou a pessoa mais simples do mundo, eu já não compro em *shopping*, eu compro lá em Madureira que eu vejo que é a mesma coisa lá do *shopping*, compro lá na Freguesia, na Citycol, para mim é a mesma coisa do *shopping*. Eu vou lá no *shopping*, uma roupa de lá é cinquenta, eu vou lá em Madureira e compro do mesmo jeito por trinta, então para mim isso não cabe, eu estou com marca não sei de onde”.

Agora, você compra aqui também no Rio das Pedras?

“Compro.”

Tem alguma loja específica?

“Eu compro assim, vou para um aniversário e estou sem uma roupa, eu sei fabricar, aí vou ali e compro uma blusa de quarenta reais que bem aqui rapidinho eu faço ela e não fica nem por dez reais para mim, então eu acabo comprando também, às vezes quando eu estou querendo sair para um lugar, acho que eu vou sair com a que eu tenho lá, aí do nada eu decido que não vou com aquela, aí eu vou e compro, acabo comprando de alguém.”

Agora você estava falando que não compra em *shopping*, compra em Madureira, compra na Freguesia, mas você costuma ir ao *shopping* para olhar?

“Costumo, para olhar, até comprar mesmo, por exemplo, eu entro na C&A, compro na Leader, mas aquilo que tem dentro de ti, “ah eu vou comprar isso aí, rapidinho eu faço isso”.

Você vai para *shopping* só para fazer pesquisa... Para olhar vitrine...

“Eu fui agora mesmo, antes de ontem, eu fui em Madureira e entrei na C&A, tirei uma foto de uma blusa que eu achei bonita lá, estava cinquenta e nove reais esse colete, não sair para mim por trinta reais, bem mais em conta, mesmo que eu fosse passar para ele a vinte, eu ainda estava ganhando.”

De onde você acha que chegam as informações de moda aqui do Rio das Pedras?

“Das próprias confecções que fazem as roupas, os modelos e a gente pega, modifica.”

Para você essa informação também chega pelas roupas que você está fazendo?

“Isso, e também pelas lojinhas que já trazem de fora e a gente vê, “babado está na moda, gola está na moda”.

E você acha que a TV influencia muito a coisa da moda?

“Ultimamente eu acho que não, para mim não.”

Você não se liga no que está aparecendo nas novelas, nem nada?

“Sim, só se for nas novelas, inclusive eu fiz até um modelo de um vestido de uma atriz, Thais Araújo, que uma cliente minha disse: ‘Você viu aquele?’ ‘Vi.’ Daquele jeito, está até aqui...”

Mas aí você fez a pedido da cliente?

“Sim.”

E foi assim, porque a cliente pediu uma referência que já tinha visto na novela?

“Só o que o da novela era esse modelo aqui, só que ela estava de alcinha, e ela modificou, colocou bojo.” “Eu também já fui professora, eu ensinava pessoas lá no Ceará pelo SEBRAE.”

Capacitação para costura?

“É, ensinei muita gente, homem, mulheres, adolescentes, tudo eu ensinei a costurar lá, eu tenho o meu diploma. Já sabia como colocava uma agulha, já sabia como colocava a linha toda na máquina, já sabia como era o processo se a linha arrebentasse, já sabia costurar direitinho.”

Mas isso você fazia no SEBRAE ou você ia em alguns grupos fazer treinamento?

“Não, eu tinha uma loja no Centro da cidade aberta, com as inscrições, era associado com a prefeitura, eu tinha o meu salário fixo e eles não, eles não ganhavam nada, não pagavam e não ganhavam nada, estava ali para aprender.”

Eu vou montar esse grupo sim que eu quero montar um grupo de discussão.

Obrigada, acho que fechamos!

8.1.8.

Entrevista com Ana Maria

Ana Maria, Sobral, Ceará, 35 anos, ensino fundamental, 1 filho.

Você mora aqui em Rio das Pedras há quanto tempo?

“12 anos.”

Qual é a sua profissão?

“Eu sou costureira na carteira, cortadeira e modelista agora.”

Há quanto tempo você trabalha com isso?

“Quando eu comecei..., é tem 15 anos.”

Você já trabalhou com outra coisa?

“Não, não, só costura.”

E como é que você aprendeu esse ofício?

“Eu aprendi olhando. Uma pessoa tinha uma confecção de calcinhas, ela falou: ‘Minha filha, fica olhando pra você aprender’, eu aprendi sozinha olhando.”

Você já estava trabalhando nessa confecção?

“Não, não. Estava tipo assim curiosa e aprendi.”

E como é que foi esse teu início, o teu 1º emprego?

“Aí pronto, eu comecei com essa senhora assim e tinha um primo meu que tinha uma confecção muito grande, ele me chamou pra começar na *overlock*, dali eu fui embora, eu fui pro corte...”

E como é que foi a tua chegada aqui no Rio? Por que você veio para o Rio das Pedras?

“Eu vim passear e gostei. Eu vim na casa do meu irmão, gostei. Eu fui lá fiz acordo, vim embora pra cá. Eu vim de férias, gostei daqui, voltei pra Fortaleza. E depois voltei pra cá de novo.”

E como é que foi você começando a trabalhar aqui no RJ? Começou já em confecção?

“Já. Já comecei em confecção, eu comecei com a Dona Beatriz. Assim que eu cheguei aqui tinha um anúncio, eu liguei pra lá. Eu fui, fiz o teste e eles gostaram: ‘O emprego já é seu!’...”

E como costureira você sentava em todas as máquinas?

“Todas as máquinas, eu costuro em todas as máquinas. Depois trabalhei 5 anos com a Sueli (dona de uma confecção com loja no *shopping* Downtown).”

“E cortadeira. E da Sueli eu fui pra Michele que era ali na Barra. E no período que eu sai da Sueli, passei um período de um ano, acho que nem um ano, não, de carteira sem ser assinada. Eu saí da Sueli fui pra uma na Curicica e também não fiquei satisfeita porque eu queria mais no corte. Eu fiquei na costura e não queria. Aí, eu conheci essa mulher lá no Downtown, e trabalhei cinncoanos com ela também.”

Eu vejo que você tem máquina aqui.

“Tenho.”

Me conta como que é um pouco esse seu trabalho e que é um trabalho de *freelancer* também. Você não trabalha só empregada.

“Quando eu trabalhava lá na Rosana, ele me dava costura pra mim fazer aqui. E eu trazia e trabalhava até 9:30 aqui, em casa [...] Agora não costuro. Só faço a modelagem, a piloto e pronto. Eu já não costuro.”

Você não faz mais produção...

“Não! Eu estava me sentindo muito cansada. Eu estava deixando o meu filho muito assim... Eu ficava cansada, muito estressada, 9h30 eu parava e tinha que fazer janta. E tinha hora que eu chorava [...] Aí, arrumei esse emprego agora que é bom, graças a Deus. Eu ganho o dobro do que eu ganhava lá na Barra.”

Agora que você está nesse emprego novo, você está como...

“Como modelista. Mas tipo assim, modelista e a modelagem estou fazendo lá com uma outra, como são duas, nem sempre tenho muito serviço. Quando não tem eu vou cobrir um corte, eu não vou ficar parada, mesmo porque o meu contrato é de cinco dias, o da menina lá é de quatro dias, só, da outra. Então, tem uma peça-piloto eu vou fazer mesmo porque eu sei fazer. Mas eu estou lá pra fazer modelagem.”

Quando você fazia essa produção pra essa loja do Downtown, como é que o serviço chegava aqui pra você? Mas assim, você fazia só a costura ou você fazia modelagem...

“Eu trazia só a costura. O corte e a piloto era lá porque eu já trazia cortado pra mim costurar aqui.”

Nessa hora que você está ali modelando chega o que pra você? Chega um desenho, uma fotografia...

“Chega um desenho. Ela te dá o desenho, ela desenhou direitinho, bonitinho: ‘Eu quero essa blusa’.. Ali, ela já tem uma base. Ela já tem uma base de outras peças. E até parecido com o que ela tem ali. Ela fala: ‘Pega a base tal, em cima dessa base a gente vai criar essa daqui’... É assim.”

Então, não é só o traçar a modelagem.

“Não, não. Não é só traçar. Às vezes, muitas coisas não estão dando certo, aí ali você tem que saber como vai fazer aquele acabamento. Às vezes, até a pilotista dá ideia melhor do que está fazendo, do que a gente que está...”

Ali sentada na máquina.

“É quem está ali sentada. Porque muitas vezes quem está sentado ali na máquina é que descobre como montar. Você está entendendo? A gente faz a modelagem, beleza! Mas quem está ali na máquina vai descobrindo a maneira melhor de montar. Porque é o mais quebra-cabeça. Pra mim, a piloto quebra mais cabeça do que a da modelagem. Mas por que quebra a cabeça? Eu no caso se modelo uma peça se eu for pra máquina eu monto ela rapidinho. Por quê? Porque eu modelei. Eu já sei o que é que vai acontecer. E quem vai costurar, quem vai faz o piloto não está sabendo de nada. Pega só o desenho ali e pronto. Está entendendo?”

Entendi. Nesse momento você não faz mais e não produz mais nada pra terceiros. A tua máquina aí é só pra você fazer modelagem e pilotagem.

“Só.”

Mas você já fez alguma produção pra você, Ana?

“Pra mim, nunca. Não porque nunca tenho tempo. Pra mim (sic) ir lá comprar o tecido, fazer, eu não tenho esse tempo.”

E nunca ficou só trabalhando como a Tonha, como a Regina, de estar em casa trabalhando o dia inteiro pros outros...

“Não. O meu padrão de vida assim, eu nunca tive essa sorte. Eu tivesse sempre que trabalhar. Eu sou o homem da casa, eu tenho o meu filho e o pai dele não ajuda. Eu não moro com o pai dele.”

Mas você teria esse desejo?

“Teria sim, mas aqui não, aqui no Rio não. Aqui tem muita coisa, muita concorrência, sei lá. Às vezes eu penso assim em fazer feira. Essas feiras grandes, né. Lá no Jockey tem aquelas feiras, no Extra, o meu sonho é fazer porque eu tenho capacidade de fazer peças que possam vender em qualquer canto. Porque se eu ver (sic) uma peça, eu faço. Mas assim, eu não tenho, eu não sei dirigir... <riso>...”

Então, o que é moda pra você? O que você acha que é moda...

“Moda pra mim, sei lá. Moda pelo o que eu entendo da moda mesmo é você sempre acompanhar as estações. Porque sempre está mudando de estação. Eu acho que, eu acho não, é isso. É a mudança do tecido, tem o tecido do inverno, tem o do verão, tem a estampa do verão. Então, tudo isso é na moda. Você tem que acompanhar isso. Você não pode fazer uma roupa com a estampa do inverno pro verão. Porque ninguém nem compra, né? Tem que ter tecido pra inverno, tecido pra verão. Então, é isso, tem que acompanhar a moda. O modelo da roupa também. Você não pode usar o modelo do inverno no verão. Não pode. Uma blusa de manga você não vai usar no verão. Não é? A moda é isso.”

Como é que você acha que se dá moda aqui no Rio das Pedras?

“Eu não sei. Particularmente, eu moro aqui, chego do trabalho e fico aqui, acabou. A moda pra mim eu nem vejo. Essas lojas eu nem paro pra olhar.”

Mas você compra aqui dentro?

“Não, não.”

Você compra aonde, Ana?

“Geralmente lá no meu trabalho. Quando eu quero uma blusa eu faço pra mim. O que eu mais compro é jeans, porque jeans eu não posso fazer. A parte de cima, eu faço. O jeans, sapato, essa parte também de acessórios... Quando eu trabalhava no Downtown, eu comprava no Downtown.”

Você mora aqui, mas não para aqui.

“Não. Eu não paro assim pra comprar nada.”

Aquilo que a gente estava falando antes da valorização das marcas, você acha que isso existe assim forte? Você valoriza alguma marca?

“Não. Eu não tenho, não. Isso aqui no Rio pouco existe. Existe sim pra quem vai numa loja chic, coisa que jamais eu vou comprar. Eu posso até comprar uma peça. Mas não faz o meu estilo. Eu gosto de algumas peças da Espaço Fashion, que é uma moda não tão cara. É uma moda que você pode usar. A Shop 126 eu acho lindo. Mas não é uma moda que eu uso. Aquela loja grande também a Ágatha...Era uma lojinha pequenininha e agora está a coisa mais linda, eu acho linda aquelas peças de lá também. Mas eu não entro lá pra comprar.”

Você costuma ir ao shopping?

“Costumo sim.”

Pra quê?

“Pra comprar pro meu filho.”

Você que trabalha com moda fica olhando vitrine?

“Com certeza. Eu adoro olhar a vitrine da Espaço, Shop 126, aquela outra também da Cantão. Você tem que ver porque você trabalha com isso. Às vezes até um acabamento que a patroa quer e não sabe explicar então ali a gente, eu vejo também da Farm, eu vejo muito o site da Farm que a menina passa pra mim, a estilista.”

Isso lá no trabalho.

“É. Você sempre tem que ver isso. E no seu trabalho chega desenho ou chega muita coisa assim como se fosse referência de uma outra marca, como você acabou de falar

agora que mostra o site...” “Tem a estilista e é ela que desenha. Ela pode até ver lá fora. Mas muitas vezes quando a peça não sai do jeito, aí ele mostra como foi o caso agora que ela pediu uma peça lá e a modelista só copiou de uma outra peça e não deu o efeito que ela queria. Ela me chamou e me mostrou. Foi isso. Mas caso contrário ela que desenha.”

Tem a estilista que bate essa bola com você.

“Isso. Uma vez eu tinha uma manguinha muito linda aqui e levei. Ela realmente gostou e fez não sei quantas blusas, vendeu pra caramba. Mas assim são poucas coisas que aceita. Mas é ela que desenha.”

De onde você acha que chegam as informações de moda...

“De fora. Vem muito, muito. Porque eu me lembro que quando trabalhava com a Rosana, ela viajou pra Cancun e trouxe umas peças que em um mês estavam no Espaço Fashion igual. Ela falou pra mim: ‘Vai na Espaço e vê essa peça aqui’, estavam todas lá. E as peças que ela comprou lá fora pra copiar. Depois estava tudo lá na Espaço. Eles copiam. O povo aqui do RJ vão pra fora pra copiar as peças de fora. Essa estilista da Espaço, dessas lojas todas aí, vão tudo pra fora copiar. Então, em cima do que elas copiam, elas mudam alguma coisa. Como eu posso ir em qualquer loja, eu vejo uma blusa. Eu vou mudar pra não ficar igual. Então, é o que eles faz. Mas muda muito pouca coisa. Muitas vezes faz rápido e fica igual. Igual mesmo. Moda não se cria, se copia. Você pode ter certeza que a moda não se cria, se copia. Você pode ir lá fora, você vê uma peça lá fora, primeiro que lá fora lança muito primeiro do que aqui. Então, elas vão ver e chegam aqui copiam tudo, acabou. E todo mundo compra e acha lindo, pronto.”

O que você acha que influencia a moda? Principalmente aqui no Rio das Pedras, você acha que televisão, show, artista, o que você acha que influencia? Pro consumidor mesmo, consumidor comum que não trabalha com moda, o que você acha que influencia a moda?

“Nós ser humanos é o gostar. Quando a pessoa vai na loja e tem uma blusa linda ali, ela às vezes nem entende se está ou não na moda, ela gostou pronto, ela comprou e acabou. A gente é assim, na verdade, a gente é assim. Porque ali já está na moda aquilo. Só que pra nós, consumidor, que gosta de uma peça, não interessa se está na moda ou se não está. Você quer comprar aquela peça porque é bonita. é uma peça bem trabalhada. Eu acredito isso. Eu vou a qualquer canto se eu gostar de uma peça, eu não quero saber se ele está na moda. Eu vou comprar e acabou.”

Mas você se vê assim como alguém que por saber do fazer, você acha que você valoriza mais uma peça ou atribui menos valor porque você sabe fazer?

“Não.”

Quando você falou “Uma Animale”.

“Não. Eu valorizo pra caramba porque cada peça que você vê você acha bonito porque ali é uma arte. Às vezes você faz a peça e se pergunta: ‘Como é que eu fiz aquilo?’... Porque na costura a roupa é uma coisa muito trabalhada. Quem bem se veste dá muito valor a costureira em si, porque a costureira hoje em dia não tem valor. Já teve muito valor, mas hoje em dia não tem valor. E quem bem se veste dava valor porque é uma arte. Eu acho que a costureira ganha muito pouco. Eu acho que o pessoal dessa parte tinha que dar mais valor.”

Você acha que é por isso...

“Que está sumindo costureira. Hoje em dia tem gente louca atrás de costureira, porque muita deixa de ser costureira pra ser outra coisa. Porque esquenta a cabeça, ganha pouco, deixa a profissão.” Me falaram que aqui no Rio teve um tempo que costureira ganhava o mesmo tanto de um motorista de ônibus. Hoje um motorista profissional está ganhando 1200, a costureira ganhando 600 e pouco. Olha a diferença.”

E no emprego você sente isso também?

“Agora não, lá é tranquilo. Ela é uma pessoa boa, e eles também. Mas assim quando tem muita pressão, muita coisa pra fazer... Muita pressão. A outra modelista está com tendinite. Ela não está conseguindo cortar papel. Eu tenho que fazer o meu e cortar papel pra ela. Mas ela é boa, não esquenta a cabeça com nada. Quando sai uma peça de primeira, a mulher <riso>, a que experimenta a peça, aqui ela é larga e aqui embaixo é fina...”

E como é que foi esse curso e essa tua profissionalização como modelista? Você falou que foi costureira...

“Depois o corte. Depois pilotagem. Tinha uma modelista nessa lá do Downtown, ela saiu. Eu fiquei no lugar dela. Só entendendo daquilo que eu via ela fazendo, eu comecei a fazer.”

Aí você foi fazer o curso.

“Eu fazia direitinho, fiquei fazendo. Aí a minha patroa falou: ‘Aninha, você quer fazer o curso? Eu pago’... Ela pagou e eu fiz. Passei a ter certeza do que estava fazendo.”

E quando você chegou no curso...

“Muitas coisas é claro que não. Eu não tinha certeza de como usar as réguas, se aquilo que eu estava usando era certo. Eu fui aprendendo tudo isso. Como fazer a base de uma calça. Até a menina levou apostila, ela está fazendo o curso e me pediu.”

E você acha que isso foi um salto?

“Foi ótimo, foi tudo de bom... Já tenho três anos de carteira de modelagem. É aquilo que eu falei pra você que nunca vou ficar desempregada assim ou eu vou pra modelagem ou pro corte. Costura eu acho que esquentava muito a cabeça.”

8.1.9.

Grupo de discussão

...Então primeira pergunta que eu vou lançar para vocês é, o que cada uma de vocês acha que é moda hoje?

“Eu, particularmente, já falei na minha primeira resposta, quando você fez entrevista individual, que eu acho que moda para mim, particularmente falando, é o que a gente se sente bem. Não é bem o que aparece na televisão... pode ser lindíssimo, mas se você colocar no corpo, olhar no espelho e não ver que está legal, para mim não interessa. Para mim moda é o que eu me visto e me sinto bem.”

“Moda para mim, tipo assim, as divulgações que eles fazem através de revistas, televisão, como por exemplo, vamos vestir hoje aquelas calças *skines*, então para mim é moda. Eu não visto como moda, porque para mim não dá. tipo assim, aquelas calças saruel, isso para mim é moda. Então vende de lá, tipo assim, desde a televisão a revista e chega até a mim. Então para mim isso é moda.”

E você...

“Moda, realmente é o que elas já falaram, que surge nos desfiles e tal. Nem tudo eu acho bonito, nem tudo está na moda e é difícil uma coisa que está na moda que eu use. Porque, por exemplo, essas calças saruel, está super na moda, eu não tenho corpo adequado para usar saruel. Não que eu ache feia, entendeu, mas para mim, depende do corpo da mulher para “mim” achar bonito uma saruel. E assim, dependendo do restante da moda, tem aquelas camisolas social, que está na moda, acho que se chama camisola, eu acho lindo. Mas eu não uso, porque eu acho que fica bonito numa mulher magra e alta. Então, eu nem sempre estou na moda...”

<risos>...

Fala você...

“Tipo o que ela falou, que aparece em televisão e revista, mas que nem tudo a gente usa. Mas eu acho muita coisa bonita. Mas a gente não usa porque não tem corpo, nem tamanho para isso...”

<risos>...

Agora gente, e a moda aqui na favela Rio das Pedras, o que vocês acham...

“A moda aqui no Rio das Pedras são o que vem, por exemplo, aparece lá na C&A, a, que tem uma blusinha de renda... Aqui no Rio das Pedras é só o que dá.”

“Na televisão, na novela, em tudo...”

“Principalmente novela, que é o que surge...”

“A, está surgindo a batinha... vamos usar batinha. Eles concorrem com os ricos, com as pessoas de classe média, classe alta.”

“Eu acho a diferença só é na qualidade do tecido, na marca. Questão de marca, mas os modelos são os mesmo.”

“Enfim, aqui, todo mundo, o pobre hoje não quer vestir mais mal. O pobre quer sempre estar no igual ao rico. Se tem uma blusa ali que está na moda, que é cinquenta reais, vou comprar um pano mais fraquinho, vamos fazer igual aquele... e fazem. Querem estar igual.”

“Mas nem todo mundo quer fazer igual...”

“Eu conheço muita gente que quer a etiqueta.”

“Eu já sou assim...”

“Para mim, etiqueta, eu vou ali na feirinha...”

“O problema não é esse, eu não consigo gostar... Assim como tem muita roupa de marca que eu não gosto.”

“Eu tenho 33 anos, eu nunca usei nada de marca. Nem perfume de marca. Agora que eu estou usando Natura.”

<risos>...

“Nem Natura eu não usava. Eu vim usar Natura hoje. A minha mãe dizia assim, está ali na, a marca do Ceará, tipo assim, a calça jeans... mãe compra uma da feira. Eu não tenho isso, eu quero me sentir bem. Eu sou gordinha, aí essa saia aqui está me sentindo que estou com uma barrigona... não estou nem aí, eu estou me sentindo bem...”

“Eu sou uma gorda feliz, diz aí...”

“É. Moda para mim é eu me sentir bem...”

Agora vocês todas falaram assim, que acham que aqui na favela a moda chega na mesma velocidade...

“Que no *shopping*.”

“Que qualquer outro lugar...”

“Vocês vão muito a *shopping*?”

“Eu não.”

“Também não.”

“Eu, particularmente, não gosto.”

“Eu adoro, nem que seja para olhar.”

“Eu também gosto.”

“Acabo nem trazendo, porque não tem para mim. Porque hoje em dia o povo só vê os magros, os gordos esquecem.”

“Vocês falaram outra coisa aqui, quando falaram, marca, agora que eu uso Natura ou Avon, então assim, vocês acham que moda hoje em dia é só o vestuário, assim, que a moda está só na roupa...”

“Não.”

“É acessório demais... bolsa, que nem essas bolsinhas, pequenas...”

“Moda está até nos óculos que você coloca... Hoje em dia está mais quadrado, está mais redondinho... Moda está no cabelo, no sapato...”

“Na unha.”

“Está em tudo. Moda é a nossa vida hoje é moda.”

“O cabelo, tem uma novela está sobressaindo um certo cabelo...”

“A moda hoje em dia é cabelo curto...”

“Isso. Aí as pessoas cortam o cabelo todo pequeno...”

“Estão usando uma jóia... Usam jóias, esmalte, o que for...”

“Esmalte, cada atriz tem uma cor de esmalte na novela.”

“Cinto, que só está dando aquele cinco com laçinho, correntinha, tipo assim, onde você anda você vê.”

“E vê aqui dentro.”

“Você acordou, você já tem que estar na moda...”

<risos>...

“Vou comprar aquela televisão que está na moda, porque essa aqui já está cafo-na...”

“Isso, até coisa de casa...”

“A nossa vida hoje é moda, para quem quer acompanhar.”

“E pode acompanhar...”

“Nem sempre é querer, é poder...”

“Agora não é todo mundo que pode acompanhar a moda.”

“Mas quer dizer, todos os produtos...”

“É moda.”

“É moda, sem exceção...”

Aí vocês falaram televisão, sei lá, celular...

“Tudo. Hoje em dia tem celular de dois *chips*, com um não basta... mas é moda.

Todo mundo quer o de dois *chips*.”

“Por exemplo, a marca da minha televisão ninguém quer mais, CCE...” <risos>...

E marca, vocês acham que está em tudo... Marca para roupa...

“Para tudo.”

“Tem gente que não coloca uma roupa se não for de marca.”

“Tem pessoas que até para o que comer um biscoito, tem que ser de marca.”

“Isso mesmo.”

“Eu chego lá no Multimarket (supermercado da região), a marca é a mais barato...”

“Mas nem todo mundo faz isso...”

“Meu filho vai no mercadinho, tem a marca vagabunda, só porque tem o Ben 10, eu digo, isso não presta, é marca vagabunda... eu falo. É melhor da Nestlé... mas ele come tudo, eu que não gosto, eu não gosto do sabor. Ele e o pai dele gostam de tudo.”

“Incrível que é uma coisa assim, a gente julga as pessoas, mas a gente se pega fazendo, porque eu tenho muita raiva quando meu marido vai comprar Danoninho e traz a marca que eu nem conheço. Eu, os meninos se restringem a tomar, porque o sabor é diferente, não adianta. Porque as pessoas falam, marca é só propaganda para ganhar dinheiro. Muitas vezes não é, tem a qualidade da marca. Vende a qualidade também...”

“Assim como em roupa também...”

“Já sendo sincera para vocês, marca, por exemplo, essas viscolycra, ela só tem a pura radiosa e a mista. Mas a Radiosa é a verdadeira, elas só colocam a etiqueta. E nós faz aqui do mesmo jeito. Só a etiqueta que altera.”

“A etiqueta...”

“A etiqueta... porque o pano...”

“Eu tiro, quando eu trabalhava numa empresa, que a gente trabalhava com a Lápis de Cor, a gente fazia uma sunga de criança, era 39 reais uma sunginha para bebê. A mesma coisa ali, da produção, o dono da empresa tirava para ele, da mesma produção, tirava para ele, fazia a mais e ele tirava. Ele vendia por dez reais. Por quê? Porque ali era a marca, o que era caro era a marca Lápis de Cor. Qualidade, não alterava nada, você estava pagando só por aquele pedacinho com o nome da marca. Então é isso, você paga pela etiqueta, não é pelo produto, é pela etiqueta.”

“Como muitas marcas famosas que a qualidade, o acabamento da roupa é triste. E vende. Se você vai lá, compra o tecido igual, monta até com mais qualidade...”

“As pessoas não querem...”

“Compre por cem na loja, mas não compre aqui...”

“Luisa, apareceu um rapaz aqui para mim (sic) fazer um vestido para ele por dez reais. Sendo que lá no *Barra Shopping*, lá no Espaço Fashion é seiscentos reais. Eu disse meu amigo, eu passando dois dias, eu não termino esse vestido... Você acha que eu vou fazer seu vestido? Você pode levar, não quero não. Quero minha carregação que é um real e eu termino rápido, do que eu pegar um vestido de dez reais, lá eles vão vender por seiscentos... Não vou mesmo.”

“Eu acho que a gente é injustiçada... a gente faz tudo na peça...”

“Dez reais para vender por seiscentos... Coloca cinquenta reais que eu faço...”

Outras coisas aqui, porque cada coisa que vocês vão comentando já da um gancho para outra observação. Vocês falaram aí com relação à qualidade e a marca. Vocês acham que vocês, como pessoas que sabem fazer a peça, conseguem observar essa qualidade vocês já até disseram, mas atribuem um valor diferente porque sabem como faz, diferente de alguém que compre...

“Claro. Eu vou ali comprar uma camiseta de trinta e cinco reais, onde eu posso comprar ali o quilo que faz cinco blusas. Só porque ela é de marca... eu vou lá em Madureira e compro o pano...”

“E tu consegue vender?”

“Não, ela está dizendo...”

“Atribuir valor, se reconhece...”

“Eu sim. Eu as meninas sabem que eu costumo fazer peça para vender, não me dedico mais a isso, porque como eu já falei na primeira entrevista, porque eu para fazer roupas mesmo, confeccionar para mim mesmo, você tem que optar, ou você faz uma coisa só sua ou você trabalha para os outros. Porque não dá para conciliar os dois. Mas se eu fizesse as minhas próprias peças, como já fiz e faço quando me pedem e eu tenho tempo, eu, o valor que eu peço, qualquer valor, não gosto de explorar ninguém, porque se eu gostasse, até ganharia. Porque qualquer valor que eu peço, paga por quê? Pela qualidade. Muita gente já chegou a falar que chegou na casa da patroa e tal, perguntou aonde tinha comprado. Porque a qualidade do que eu faço é como se fosse de uma loja. Só não tem a etiqueta. Mas as pessoas veem o diferencial de uma coisa que está bem feita e uma coisa que não está.”

Fala aí, da o depoimento de vocês...

“A gente, no final do ano a gente fez um vestido, tiramos o modelo de uma marca e compramos tecido, fizemos o vestido. Só que quando a gente...”

“Quanto era o vestido?”

“Sessenta reais. E na loja cento e vinte.”

“Pois tem cliente minha aqui...”

“A maioria disse assim, está muito caro...”

“Tem cliente minha aqui que vão em Caxias, compra vestido por quinze reais, vende por cem reais. E vende.”

“Vende aqui?”

“É. Sabe qual é o fato de elas acharem caro, porque a gente que faz.”

“É.”

“Gente, mas a roupa não foi feita por uma costureira...”

“Na loja ela tem valor...”

“Porque está comprando na loja.”

“Mesmo que seja na loja aqui da favela...”

“É.”

“Tem lojas aqui na favela que conseguem ser mais caras do que uma loja no shopping. Só para você ter idéia.”

“Qualquer loja aqui, uma camisa de homem normal é cinquenta reais. Sessenta reais. Na loja na Freguesia a gente compra por vinte e cinco, trinta reais. É bem mais em conta...”

“Gente, falaram também dessa coisa, televisão, vocês acham que a moda é só o que está na televisão, a televisão é o que mais divulga a moda, o que vocês acham?”

“Eu acho.”

“Televisão é o meio mais rápido de transmitir.”

“É, porque revista nem todo mundo compra.”

“Isso.”

“Jornal também.”

“É mais na novela Luisa...”

“Mais na novela...”

“Não é televisão como um todo, é novela...”

“Porque tem as personagens...”

“É, quer ficar igual à Cláudia Raia.”

“Agora gente, como vocês se veem inserida nesse mundo da moda?”

“Como eu te falei, nessa hora que eu acho que a gente é injustiçada, porque na hora ninguém lembra que a peça ali está feita, nossa, que peça bonita e tal... mas parece que esquece que alguém fez aquilo ali. É como se aquilo ali...”

“Não, eu só acho que costureira, eu vou concluir o que a Bia está dizendo, está muito desvalorizada.”

“Você vê que antigamente a costureira ganhava igualzinho a um motorista de ônibus. Não sei se já passaram isso para você, mas eu sei. E hoje a costureira ganha seiscientos reais. Então ela está muito desvalorizada. E se for facção é um real, um e oitenta. E se for uma peça mais cara tem que se matar. Se matar para produzir e não tem valor.”

“Inclusive, eu ouvi até dizer, pegando o gancho do que você está falando, que dizem que certas marcas vêm aqueles contêineres fechados e tem pessoas só para colocar as etiquetas da marca. Dessas peças que vem da China. Não é que na verdade aquelas peças foram, de repente, até produzidas para aquela determinada empresa. Mas quando eles compram, aí costureira nem tem, muitas empresas aí nem tem confecção, nem nada, só a costureira para pregar a etiqueta.”

“É verdade.”

“Porque vem, como ele está falando, de fora. E compra bem baratinho. E vende uma fortuna.”

“Aí tem gente Luisa que diz assim, chega aquela montoeira de roupa, como está ali, aí diz: ‘eita costureira, vão se matar ganhando dinheiro’... então ele não vê... hoje eu estava trabalhando aqui antes de você me ligar... aí o povo diz assim, está trabalhando até hoje? Eu disse assim, eu tenho que trabalhar, porque eu tenho compromisso... uma peça que eu faço é um real, aí divide comigo e com a Bianca, cinquenta para uma e cinquenta para outra. Mas eles não vêm, eles acham que uma peça dessa é dez reais, doze, trinta reais... por causa do valor. Que lá no shopping as peças lá são muito mais desvalorizadas do que aqui. Aqui é mais caro, sabia? Na C&A, Renner, são muito mais baratas do que essas lojas daqui do Rio das Pedras. Uma blusa é quarenta reais, quarenta e cinco...”

“A mais barata.”

“Cinquenta... Onde lá é vinte e cinco, tem de vinte. Então o povo daqui parece que está tapado. Aqui no Rio das Pedras passou um monte de gringo aí, aí a gente parou eles lá, lá na frente as moças pararam, perguntaram o que eles eram... eles falaram que era gringo e tudo mais. Sabe o que é, porque aqui tem muita gente rica. Tem muita gente rico, rico de quê? Porque sabe viver. Assim, se eu coloco essa roupa aqui, não sei não...”

Agora, todas vocês nas entrevistas que me deram, falaram assim, que essa coisa de montar, comprar as máquinas e trabalhar em casa, tinha uma busca por liberdade, ou administrar melhor seu tempo ou poder tomar conta do filho pequeno, N razões, mas que sempre estavam atreladas a não estar naquele horário de fábrica. Como vocês vêm esse trabalho em casa? Acham que vocês tem toda a liberdade, foi melhor, foi pior, como vocês avaliam esse trabalhar por conta própria?

“Eu acho que o compromisso continua o mesmo. Agora a liberdade é só de você poder, se eu quiser me levantar eu levanto, se eu quiser ir no banheiro, se eu quiser fechar minha porta e ir para casa eu vou, é isso...”

“A liberdade.”

“Tem o compromisso, eu continuo no mesmo compromisso, porque se não fizer, não tenho. Eu tenho que produzir. Agora, enfim, o que é bom é você, porque todo lugar tem gente ruim e gente boa, então na firma sempre tem uma puxa saco, que fica queimando, te queimando, fica dizendo que seu serviço não presta e assim sucessivamente. Eu adorei, eu não quero mais sair...”

“Eu também, eu não me vejo mais trabalhando numa empresa fechada, não tem como, não tem a mínima possibilidade de isso acontecer hoje em dia. Antes não, quando eu comecei, a gente nunca diz nunca para nada, tudo bem, e não estou falando com orgulho, porque eu posso não vou mais voltar. Não. Como eu me sinto, independente que um mês eu ganhe quinhentos e num mês eu ganhe cem, para mim não tem mais chance de eu

voltar a trabalhar fora. Para mim mesmo com perdas, que eu acho que eu até ganhei mais hoje em dia, tanto financeiramente falando como em outros aspectos, em trabalhar em casa, do que quando eu trabalhava fora. Então essa avaliação que eu faço, entre ter mais, entre os prós e os contras, eu acho que é muito mais vantagem para mim hoje em dia, em todos os sentidos, trabalhar em casa. Mesmo, a gente se compromete a acordar cedo, não tem aquela, às vezes a gente não tira nem uma hora de almoço, como numa empresa...”

“Eu só acho que nós estamos sendo muito idiota, desculpa a palavra. Porque estamos perdendo tempo e não estamos pagando o INSS por fora.”

“É verdade.”

“Tem que pagar.”

“Acho que nós estamos sendo idiota, uma Inteligente, mas ao mesmo tempo idiota.”

“Tem que pensar no amanhã.”

“Inclusive, eu ia até falar com a Bianca para combinar com você, tipo assim, para pagar...”

“Dizem que é fácil... é só ir e pagar.”

E vocês, o que vocês acham, qual a avaliação que vocês fazem desse trabalho autônomo...

“Bom, eu acho. Bom do lado do dinheiro, porque você ganha mais. Mas trabalha bem mais também. O lado bom é o dinheiro, eu acho.”

“E essa coisa do tempo, o que vocês acham?”

“Eu acho que a gente não tem muito tempo. A gente não tem sábado, não tem domingo, não tem feriado...”

“Eu tenho.”

“É nessa hora que a gente, é bem administração de tempo. Porque se a gente não se der, na empresa não, na empresa dão sábado, domingo. Dão assim, porque é lei. Sábado, domingo, feriado e tudo. Então a gente tem que se dar, porque se a gente não se der esse dia a gente vai trabalhar direto, sábado, domingo, feriado, de noite...”

“Eu não trabalho domingo, eu só trabalho dia de sábado, que eu faço conserto, sem ser do meu serviço. Eu não trabalho domingo de jeito nenhum. Eu só vim hoje porque eu tinha um serviço para terminar. Mas raramente. Mas domingo eu estou tomando cerveja, rindo a toa, fazendo comida e convidando um monte de gente para comer lá em casa. Eu já saí de trabalhar lá fora, para não trabalhar domingo...”

E você Tonha, o que você acha?

“É porque as meninas trabalham com coisas mais caras e que dão mais trabalho. Onde eu trabalho não...”

“E nem tanto pelo prazo, mais pelo dinheiro.”

“Quando mais rápido a gente entrega, mais rápido recebe...”

“Muita coisa que a gente faz, tipo assim, se a gente faz a produção de duas pessoas em uma semana, a gente trabalha de oito da manhã, a dez, onze da noite...”

“Vocês trabalham até isso?”

“Até uma hora da manhã a gente chegou a trabalhar...”

“Deus me livre...”

“Por quê? Porque tem duas, três produções para entregar numa semana. Aí se a gente se matar a gente vai ganhar mil por semana, um exemplo, mil por semana. Então vamos se matar, porque a gente vai querer aqueles mil. É por isso que a gente rala para cacete.”

“Eu não. Sabe que horas eu fecho aqui, seis horas...”

<risos>...

“Eu fecho seis horas.”

“A gente, para as pessoas que a gente tem compromisso...”

“Então pergunta assim, como você paga aluguel? É tudo daqui.”

“A gente já se perguntou também, como a Nete consegue. Porque se fosse a gente, a gente não conseguia não.”

“É tudo daqui.”

“A gente não ia conseguir.”

“Eu acho que, como eu posso dizer, não tem muito gasto com o vestuário dela...”

“Não ligar para comprar...”

“Vocês têm esse gasto...”

“A gente gasta demais.”

“Por exemplo, a gente da noventa e seis reais numa bermuda.”

[...]

“Aí eu vou me matar o dia inteiro, a semana inteira, para dar cem reais e dar ali...”

<risos>...

“Cento e trinta para uma sandália para o seu filho...”

“Cento e trinta! Idiota... me desculpa...”

“É questão de gosto mulher... você gosta, acha bonito, você imagina aquela sandália no pé do seu filho...”

“A gente compra.”

Agora deixa perguntar uma coisa, porque a Nete falou “Eu trabalho mais, prefiro trabalhar com essa coisa de carregação, que paga um real, setenta centavos, eu faço, administro meu tempo trabalhando menos, mas toco minha vida, estou satisfeita com isso”. Vocês já preferem ganhar mais, mas vocês mesmo disseram, a gente trabalha às vezes com umas coisas mais chatas, mais trabalhosas, mais minuciosas, porque são produtos que às vezes vão mais para a loja. Vocês acham que esse tipo de trabalho, de vocês, você está fazendo um trabalho mais voltado para o mercado de moda e você para um produto mais barato. Interfere no gosto de vocês nessa valorização?

“Não.”

“O fato de estar vendo regularmente vendo o produto, ou que você sabe que aquilo ali vai estar naquela loja, em determinada loja...”

“Não.”

<conversa paralela>...

“Eu acho que é da pessoa mesmo...”

“Você acha que não tem relação, o tipo de trabalho, o tipo de roupa que vocês estão produzindo...”

“Não.”

“Não.”

“É porque a Saskia toda vida gostou de coisa boa, já trabalhei com ela na infância, toda vida ela foi assim...”

“A Nete me conhece, acho que é da pessoa...”

“Acho que não interfere não...”

“A gente não trabalha, porque a gente nunca se interessou...”

“Eu peguei um gancho de duas falas de vocês, que achei que pudesse também ter alguma relação...”

“Não interfere não.”

“A gente, o lado bom da gente trabalhar com moda é que a gente aprende a gostar...”

“E é mais uma aprendizagem...”

“Quando ela chegou aqui, ela foi trabalhar na Constantinopla, ela não gostava de nada...” eu que já tenho mais tempo aqui, eu já gostava... ela falava, que estampa...”

“Estava acostumada com um estilo de roupa e fui para outro que não tinha nada a ver... achava tudo feio...”

“Isso que você está falando, lá no Ceará...”

“Isso. Eu vim de lá...”

“O que você percebeu nessa tua mudança de gosto Saskia? Você que pelo visto sempre foi interessada em moda, você mesmo disse desde criança isso já me interessava essa coisa de adornar...”

“Tipo assim, como eu trabalhava lá em confecção de peça íntima, então o que eu comprava era o que estava na moda na minha cidade. Então me matava na confecção, fazia contas nas lojas...”

<risos>...

“Para ir para as festas com roupa de marca. Aí era o estilo que usava lá. Quando eu cheguei aqui, que eu fui trabalhar numa confecção de roupas, eu não gostava de nada que tinha aqui...”

“Era totalmente diferente...”

“Era diferente. Ela já achava bonito, eu não conseguia gostar de nada... muita estampa, muito babado...”

“As roupas daqui têm muita informação...”

“É. Lá era mais simples. Mas agora eu já gosto.”

“Isso tem quanto tempo?”

“Oito anos.”

Você percebeu essa modificação também no seu gosto Tonha?

“Foi a mesma coisa que ela passou, eu já tinha passado. Só que eu comecei primeiro, foi em 2000, tem dez anos...”

“Aí ela falava “Você vai se acostumar”.

“Quando ela chegou eu já tinha aprendido a gostar do ritmo daqui.”

“Da moda, dessa informação de moda de dentro das confecções...”

“Isso. Daqui do Rio.”

Você percebeu isso também Bianca?

“Também.”

Mesma coisa?

“Mesma coisa. Mesmo eu, eu principalmente, eu diferente das meninas, da minha amiguinha aqui, eu não me ligava muito, a minha vida era muito, não vamos entrar em coisas mais pessoais, mas tipo assim, eu trabalhava mais para ajudar a família do que me ligar com essa coisa de moda, de roupa. Era só se sobrasse. Não sobrava...”

<risos>...

“Sabe o que eu tenho? Eu não tenho esse negócio de me vestir igual a não sei quem... Eu tenho assim, eu sou muito farta na minha casa, em fazer aniversário, ir para o restaurante... Eu sou assim. Mas para roupa, bem materiais... televisão da moda eu não sou.”

“Mas Bianca, foi também assim um impacto...”

“Foi um impacto.”

“Foi um pouco impactante. Aí, você acredita que quando eu cheguei aqui no Rio, apesar que lá as pessoas de lá andam bem mais bem vestida do que aqui...”

“Andam mais bem vestidas...”

“As pessoas fazem um julgamento do nordeste, diferente do que verdadeiramente é...”

“A gente viaja para lá, a gente se torna mendigo na frente delas...”

<risos>...

“É. E dizem que elas falam...”

“Que elas falam...”

“A gente não vai aqui na Freguesia, a gente não coloca uma sandália...vai de Havaiana...Lá, é uma das melhores roupas para você ir, daqui para ali, pegar um ônibus, que não seja andando, você vai se locomover com transporte, você tem que ir arrumada. Tem que se arrumar... Então, aqui, apesar disso, lá pela minha situação financeira, eu acho que eu sofria mais com esse negócio de moda lá do que quando eu cheguei aqui. Quando eu cheguei aqui eu acho que eu me achei, eu me senti a vontade. Porque aqui a gente pode se vestir do jeito que pode.”

Pode dar uma pausinha, só para a gente trocar a bateria... Não vamos perder esse gancho não... Acho que era a Bianca que estava falando...

“Da transição do Ceará pra cá. Nete e Bianca estavam falando... E aí fala como que foi esse impacto quando você chegou e disse que a mulher era mais bela, era até mais bem vestida, mais elegante e o gosto era totalmente diferente.”

“Isso. Por eu ser bem humilde lá eu gostava muito, eu não gostava muito de nada que chamasse atenção não. Então, as minhas humildes roupas eram sempre coisa muito básica, muito para não aparecer mesmo. E já aqui não, aqui as pessoas gostam de uma coisa mais extravagante, cor mais berrante.”

“É o que está na moda.”

“Eu aprendi a gostar de vermelho, verde, essas cores aqui porque lá a minha cor basicamente era uma cor bem bege, branco, cores bem preto, cinza, não gostava de cor berrante.<conversa paralela>...”

“Enfim, Luisa, mas eu sinto que essa questão de moda assim pra mim eu comecei a me importar mais a partir pra você vê como aquela resposta que eu te dei na pergunta passada, vai muito também da condição da gente. Quando eu comecei a ter condições de comprar alguma coisa melhor, é que eu comecei a me preocupar mais com esse negócio de moda. Porque quando você não tem muita condição de comprar não importa se você gosta daquilo ou não. É o que você tem. O meu caso era bem esse. Eu passei por muitos anos assim nessa situação. Era bem o que eu tinha, o que eu podia comprar e que também não era muito e não era bom. Mas era o que eu podia e tinha. Eu nem se quer me dava ao luxo de me preocupar se eu estava bem ou não. Porque mesmo se eu não tivesse bem era com aquilo ali que eu tinha ficar. Vestir e ir pra onde fosse. Quando eu comecei a ter condição e foi mais quando eu cheguei aqui e a minha vida melhorou financeiramente que eu fui me preocupar com moda. Não quero que falem: “Nossa! Como ela está chique, alinhada!”, não. Mas eu gosto de me olhar no espelho e dizer; “Nossa! Eu estou bonita! Eu estou bem”. Eu me preocupo mais com esse negócio de imagem hoje em dia, depois que eu cheguei aqui no Rio.”

E Nete você teve a mesma impressão que as meninas tiveram?

“Nunca passou isso pela minha cabeça. Eu sou eu desde quando eu fiquei jovem e até hoje.”

<conversa paralela>...

Diferença entre a moda de lá e a moda daqui...

“Não. De jeito nenhum, pra mim botar uma roupa, uma sandália, e tem mais a roupa que eu venho pra cá, eu vou a uma festa, eu vou pra qualquer lugar. Eu não tenho isso, eu não me preocupo não, de jeito nenhum.”

Vocês não acham que esse visual, isso que vocês falam que é o ‘à vontade’, é um pouco do que é a moda carioca?

“Isso. Eu acho.”

“Eu acho também.”

“É o jeito de ser.”

“É o estilo do lugar. <algumas>...”

“Você vê gente aqui em shopping de Havaianas...”

“Do jeito que está na praia, vai ao shopping. E lá não...”

“Eu trabalhava onde a Xuxa comprava o biquíni dela lá, aquela Tâmara... Olha! A Xuxa entrou lá: “Meu Deus do céu, essa aí que é a Xuxa?”... Eu nem conheci. Chinelo Havaiana, shortinho bem aqui, uma camisetinha.”

“Eu trabalhava nesse shopping lá. Sabe quem é que também eu vejo lá? Eu via muito lá de vestidinho, aquela batinha, aquela Thais de Araujo. O cabeleireiro dela era vizinha a loja onde eu trabalhava.”

“A moda aqui é isso, é estar despojado, estar à vontade.”

“Você se acostuma com o lugar que você vive.”

“Eles falam: “Chegou do Rio e parece uma mendiga!”...”

“Só se for no lugar de vocês, porque eu lá me sinto super bem.”

“Mas o nosso é assim. Lá tem preconceito por tudo, Bianca. Tem preconceito por cor, por roupa, tem preconceito com gordo.”

“Eu acho que devem ter falado de mais de mim, porque eu ia pra feira às 7h da manhã, como eu estou aqui de shortinho, sandálias Havaianas, lá não, tinham umas idiotas de (?) de sapato, mulher! Pelo amor de Deus!”

“Os cabelos tudo solto.”

“Só chapinha...”

<conversa paralela>...

“A moda grita lá...”

“Por quê? Primeiro o salário lá é pouco, mas não paga um aluguel, o custo de vida é tudo mais barato do que aqui.”

“E o pessoal vive em torno daquilo..., querem se mostrar.”

“Quer já bater uma com a outra.”

“Vamos naquele ditado popular nordestino: ‘Viva o luxo e morre o bucho’...”

“Não tem nada na geladeira e está em tudo...”

“Isso. Não tem nada na geladeira, mas está...”

“Abafando.”

“Na entrevista eu perguntei a vocês todas enquanto ao trabalho e também a questão de vocês com moda... Eu queria que vocês falassem um pouco da parte de planejamento do trabalho de vocês. Se tem algum projeto, se tem algum planejamento, principalmente quando vocês estão fazendo a roupa de vocês. Menos quando vocês estão costurando para os outros, mas quando vocês estão fazendo a roupa de vocês.”

“Eu tenho um planejamento de futuramente estar melhor e não costurar mais pra ninguém, só pra mim.”

“Então é duas, amiga.”

<risos>...

“E vocês?”

“Ter a criação minha porque eu já tenho uma irmã que é estilista. Então, ela vai me dar o empurrão. Futuramente eu quero isso pra mim.”

“Eu também. O meu projeto é trabalhar pra mim, porque até hoje não consegui trabalhar pra mim.”

“Inclusive ela queria até falar contigo, mas eu estou sem crédito. Eu estive explicando pra ela que você é design, o dela é ‘Não-sei-o-quê Design’, ela já passou por todo esse processo. Agora ela já está fazendo outro curso de aperfeiçoamento.”

Entendi. Eu queria saber como que vocês estão planejando a prática mesmo do trabalho nesse momento.

“Ah, tá...”

E não o que vocês estão planejando pro futuro.

<burburinho>...

Como que é o planejamento do trabalho de vocês nesse momento. Assim se vocês fazem algum projeto pra fazer a roupa que vocês montam seja por encomenda do cliente, como é que se dá isso?

“O projeto é só estudar a peça e fazer.”

“Estudar o desenho...”

“A gente tem que estudar a peça pra depois botar na máquina. Como é que faz essa blusa? Igual a uma que eu estou aí e fui na Bianca e ninguém sabe o que é isso. Aí a Bianca: “Não Nete, isso aqui e tal, não sei o quê... A gente vai estudar pra começar a fazer. O projeto é esse.”

Mas isso de uma peça que já vem cortada pra você montar.

“É.”

“Mas no caso de uma peça que vocês vão fazer. Que não vem montada. Como vocês falaram lá do vestido no final do ano... Ela falou da eventual encomenda...”

“Eu basicamente faço o seguinte, geralmente a pessoa traz uma roupa que quer que eu faça igual ou de um amigo ou até dela mesmo que gosta e quer de outra cor ou aquela está velha, eu não sei. Mas quer aquela determinada roupa. Eu tiro a modelagem dela da roupa no papel. De alguma forma dá certo. A maioria das pessoas desmancha a roupa pra fazer a modelagem. Eu consigo fazer modelagem mesmo não desmanchando. Às vezes

tem detalhes que não tem nem como botar em cima e tirar no papel. Porque tem detalhes que não dá pra botar em cima e desenhar no papel. Então, eu faço da minha maneira ali, graças a Deus sempre deu certo. Nunca voltou peça porque não está igual. As pessoas sempre elogiam: “Está bom! Está bonito!”, está do jeito que a pessoa quer.”

Você acha que a parte de projeto seria a modelagem ou seria a modelagem e a costura como um todo? O que você acha que seria o projeto de fazer essa roupa? Seria só o molde?

“Bem, é que nem eu te falei, Luisa, eu ainda sou muito rústica. Tanto que eu só faço roupa de malha. Porque se for de roupa de tecido não tem como, não tem condição ao cortar. Eu não sei, eu não tenho a mínima noção de como cortar. Inclusive eu tenho uma amiga que pode <inaudível>...”

“Porque ela cortou um vestido pra mim de tecido porque eu não sei. As pessoas me perguntam: ‘Bianca, malha, lycra, é muito mais complicado do que cortar uma peça de tecido’, mas é questão de prática.”

“Eu corto.”

“No meu caso, é questão de prática. Eu mesma faço.”

<conversa paralela - criança>...

“Resumindo a história, eu acho que pra você fazer uma peça é isso, basicamente, porque eu não tenho curso de modelagem. Eu tenho que ter uma peça pra tirar o modelo no papel. E depois reproduzir no tecido. Mas quem tem curso de modelagem eu acho que tem a facilidade de pegar e até desenhar no papel e até mesmo já ir cortando na modelagem assim de cabeça. Isso quem tem o curso. Agora eu não, eu só consigo fazer uma modelagem se for assim se eu botar a peça no papel, têm alguns detalhes que dá pra mim fazer do meu jeito. Jamais desenhar. Deus me livre, eu não sei desenhar. Mas dá pra mim fazer o recorte no papel pra servir de modelagem. Eu acho que é bem complexo esse negócio de modelagem. Pra você realmente ser uma profissional em corte e costura você tinha que ter no mínimo o curso de modelagem. Mas até hoje eu consegui fazer com o pouco que eu sei. Estou conseguindo fazer algumas coisas e bem feitas. O meu projeto é esse, é só pegar e reproduzir no papel...”

Depois executar na costura.

“Isso.”

E você, Nete...

“Do mesmo jeito. Tem que passar no papel primeiro. Tem roupa que eu corto só assim no olho, eu boto em cima e já corto. Uma camisetinha básica dá pra fazer isso.”

O teu processo seria semelhante o da Bianca.

“É. ‘Opa, esse aqui é bonito’. Pego e copio.”

E vocês, meninas? Diga aí, Tonha e Saskia... Vocês já fizeram coisas pra vocês.

“Eu faço assim. Se tem alguma modificação no modelo, caso eu vá fazer pra uma pessoa de fora, como quando eu fiz um vestido de tecido. E a moça queria mais ou menos como era...”

“Fez o modelo e passou pro papel do jeito que a pessoa quer.”

“Mas isso você está falando de uma peça, a pessoa deixou uma peça e queria mais alguma modificação.”

“Isso. ‘Só a saia é desse modelo e a parte de cima eu quero de outro’... Aí a gente consegue fazer. E como não tenho cursor, eu tento e como a Bianca falou dá certo.”

E você, Tonha?

“Como eu trabalho com ela e ela faz essa parte aí, eu nunca tentei fazer nada.”

“Você nunca tentou modelar.”

“Não. Eu só quebro a cabeça na montagem.”

“Mas você tem que se testar. Antigamente eu tinha medo.”

“Eu também. Eu nem conseguia fazer assim com a outra peça. Eu não tinha coragem.”

“Lá no meu trabalho a menina fazia blusa pra ela. Que diabo é isso? Por que ela faz e eu não faço?”

“Foi aqui no Rio que eu vim aprender. Eu vou fazer também.”

“Vai fazer um biquíni aqui pra mim, *vapt* e *vupt*, uma saiu desse jeito e a outra saiu assim. Aí foi se aperfeiçoando cada vez mais. Mas tem que tentar.”

Mas vocês acham que é só a modelagem assim o que seria o projeto dessa peça?

“Pela modelagem faz.”

“Fez a modelagem, copiou a modelagem, a peça está resolvida?”

“Eu como já trabalhei em empresas que tinha modelista pra mim eu só dava crédito aquela modelista se ela soubesse costurar. Porque tem pessoas que faz o modelo, mas na hora da costureira fazer não encaixa nada com nada. Então, eu acho que o projeto mesmo de uma peça dar certo vem da modelagem. Pode ser a peça mais difícil do mundo e ter 1001 pedaços, mas se a pessoa que fez aquilo ali sabe que aquilo ali encaixa com quê, você pode passar uma semana pra montar, mas você vai montar. Então, eu acho que o projeto pra fazer uma peça mesmo e no final das contas sair uma peça do jeito que você quer é a modelagem. É você saber o que está fazendo.”

“E a montagem porque nem sempre é a modelagem.”

“Pra piloto você ainda monta errado.”

“Eu sei que tem estilistas famosos e não me vem a cabeça agora o nome que sabem criar sem desenhar.”

“A minha irmã, a minha irmã...”

“Mas a maioria desses estilistas, o Luisa, só sabe copiar. Tem um estilista lá na confecção Constantinopla, a gente chegava lá tudo folheando revista.”

“Isso até a gente que não tem...”

“Luisa! A minha irmã ela disse que tem um amigo e ele é gay, ele está fora do Brasil, ele está bombando... Ele cria.”

“Porque o verdadeiro estilista é o que cria.”

Agora o que vocês acham que é criar?

“Aquilo vem da tua cabeça, Luisa. Não é você vê uma peça...”

“É você fazer a diferença.”

“Uma camiseta dessa aqui básica...”

“Você criar, você vai botar um detalhe aqui. Você vai botar uma lista aqui. Você vai botar uma outra manga aqui. Isso é criar. Essa gola aqui você vai botar ele ‘V’.”

Qualquer modificação também é criar?

“É criação.”

“Desde que não tenha mais por aí.”

<risos>...

“Desde que não copie.”

É uma coisa que eu vou botar vocês pra pensar também, qual é a liberdade que a gente tem pra criar sejam vocês como costureiras, sejam os estilistas, como você disse que alguns copiam. Como é que se dá essa liberdade pro cara criar se ele também, por exemplo, eu crio um desenho aqui da minha cabeça, mas aquele tem que virar produto. A gente está falando aqui do produto do vestuário.

“Isso.”

“Eu acho que hoje em dia essa coisa de criação só serve, só se encaixa, em alta costura. Porque tem aquele negócio daquelas mulheres quererem só como se diz? Coisa individual, coisa exclusiva. Criação e exclusividade só se encaixam em alta costura. Modinha não tem esse negócio de criação, por quê? Porque o que sai é o que está na moda. Vamos voltar ao assunto porque o que sai é o que está na moda. Não adianta você criar uma coisa que ninguém quer. Quer usar aquilo que está na moda. Então, o que encaixa mais na moda da pessoa criar, e em alta costura porque as madames querem usar coisa exclusiva.”

“Ela cria e vende tudo, tudo. Ela disse que no máximo R\$30 mil por mês, ela tira na loja dela. Porque ela tem nome e todo mundo sabe que ela é estilista. Então, o povo lá da sociedade só procura ela.”

“É o que eu falo essa coisa de criação, peça bastante cara, exclusividade...”

“Só em alta costura. Em modinha isso não funciona.”

“Até mesmo porque não é qualquer costureira que vai montar uma peça dessa.”

“Verdade.”

“O vestido vai ser todo forrado. Todo embutido, coisa pra cá, coisa pra lá. Tudo sob medida.”

“E ela só gosta de trabalhar com tecido. Ela não gosta de trabalhar com malha.”

“E sob medida que é fundamental pra uma boa costureira.”

<burburinho - calor>...

Vocês conseguem exercer um pouco essa criatividade no trabalho que vem pra vocês? Vocês têm possibilidade de interferir em alguma coisa no modelo...

“No caso de facção grande a gente não tem como. Pode ser a coisa mais feia do mundo, está dando trabalho, quebrando a cabeça, a gente tem que seguir exatamente como a peça veio.”

“Mas eu acho que dá pra fazer outra forma e que dá...”

“Não. Assim modificar o modelo que ela está falando, não é isso?”

<conversa paralela>...

O que eu estou perguntado tem a ver com as duas coisas. Que posso implicar às vezes numa modificação no produto, ou às vezes você encontre um caminho que dá o mesmo resultado...

“O mesmo resultado tudo bem. Mas a modificação da peça... Não dá, não. Ele não aceita. Se a gente vai montar uma peça tipo assim veio a pilotista da confecção... ela montou de um jeito, e a gente acha uma maneira mais fácil e vai dar o mesmo resultado, a gente faz... Isso tudo bem. A primeira coisa que eu procuro quando vou pegar a peça que eu acho que é complicada, é a forma mais fácil de fazer.”

“De montar e dando igual...”

“É. Agora a gente modificar tipo assim: “Esse babado aqui com esse franzido vai ficar feio. É melhor uma preguinha”, isso não tem como. Tem que ser exatamente como eles mandaram a peça por mais feia que seja.”

Agora no caso desses clientes que eu sei que vocês já estão trabalhando com produção menor, vocês conseguem interferir alguma coisa no modelo? Apresentar alguma solução?

“Eu não sei vocês, mas já aconteceu de uma peça ser com véis de duas agulhas e um decote muito aberto. Então, com duas agulhas, ele abre muito. Aí eu falei: ‘Gente! Não dá pra fazer com uma agulha?’ ... Vai ficar mais delicado.”

“Isso. E ela aceita. Ela até falou uma vez: ‘Bianca, faça da maneira que você achar melhor’ ... Mas é coisa pouca 20 peças, 10 peças...”

“A gente também muda.”

“Essas peças que vêm pra vocês fazerem a piloto.”

“Isso. O jeito que ela pediu está mais difícil, dá mais dificuldade, a gente tenta um jeito mais fácil: “Assim, assim é melhor e tal”, anda melhor na máquina...”

“E não fica feio também.”

E com você quando o serviço chega também já todo definido, tem que fazer conforme a peça piloto...

“Faço. Eu sempre procuro o melhor, né? Nós vamos procurando melhorar cada vez mais.”

Quer saber o limite entre o trabalho artesanal e o trabalho industrial. Vocês todas já trabalharam em indústria. Todo mundo aqui já trabalhou em confecção grande... Vocês acham que o trabalho de vocês é industrial ou é artesanal?

“Industrial. <Algumas>...”

“Industrial, sem dúvida.”

Por quê?

“Porque vem de indústria.”

Só por que ele vem da indústria?

“É. Porque é de grande porte.”

“Artesanal é coisa que mexe com bordado...”

“É uma coisa mais manual.”

“É industrial porque até mesmo é feita com as máquinas industriais.”

“É verdade.”

E quando vocês estavam lá pregando botão, a mão?

“Isso é artesanato.”

“É.”

<conversa paralela>...

“Artesanal, Luisa se for de pequeno porte. Assim 10 peças, 20 peças, porque se for grande quantidade...” <inaudível>...

E as bolsas?

“As bolsas também...” <conversa paralela>...

<barulheira>...

Vou dar uma pausa aqui...

O que vocês acham? É industrial ou artesanato?

<muito barulho>...

“É industrial quando é serviço na máquina. Mas a gente nunca que pega...”

Não. Eu não sei mesmo qual é esse limite.

“Quando passa a ser manual eu acredito que seja artesanal. Eu acho.”

“Eu acho. Mas também não sei. Porque uma bolsa...”

Eu estou perguntando por que eu tenho que saber também a opinião de vocês.

“Desde que você sai da máquina e vai fazer fora da máquina, eu acredito que seja artesanal.”

“Artesanal com industrial...”

O que eu pergunto é isso: Qual é o limite...

“Artesanato eu que seja um negócio mais delicado. Exige mais paciência, mais concentração.”

“É uma pergunta que eu faço assim na minha pesquisa. Todas falaram aqui “É industrial porque a gente faz em máquina industrial”, mas quando cada uma de vocês fez a sua peça de roupa lá pra vender, vocês também estavam fazendo todas as etapas. Não estavam?”

“Hum, hum...”

“Aí, ele é industrial só porque está sendo feito numa máquina industrial?”

“É coisa que já vem de indústria, entendeu? É industrializado. O tecido não é indústria? É industrializado.”

“Eu acho o seguinte, é que nem ela está falando aí o ponto, artesanal é tipo assim a gente cortou... <burburinho>...”

Peraí gente, não conversa...

“A gente corta e de uma certa maneira botou no papel, cortou, botou no tecido, ficou bem que artesanal mesmo.”

“É.”

“É por isso que eu te falo que sempre a coisa de pequeno porte é mais artesanal do que quando a gente pega uma coisa de mil peças, não tem como ser artesanal porque ninguém corta aquilo na tesoura.”

<conversa paralela – telefone tocando>...

O que vocês acham? É industrial...

“Acaba sendo as duas coisas.”

O que você acha Tonha?

“É, as duas coisas. Nós recebemos cortado, mas nem toda peça vai pra parte do manual, artesanal, pra mim fazer manual é artesanal.”

“Fazer manual é artesanal.”

“É. Fazer na mão, pregar um botão.”

“É sempre mais devagar. Não tem nem comparação, independente também da peça que vai fazer.”

“Independente de quem vai fazer, porque nem todo mundo, eu sou horrível pra pregar um botão. Eu não sei fazer quase nada na mão.”

“É artesanal.”

“Se é assim até que eu.”

“Se entende bem com ele”.

“Entendo bem, mas eu não sei..., mas pregar botão na mão, não.”

“Não. Você acha que é artesanal?”

“Não. Eu ainda continuo na indústria.”

<risos>...

Bianca...

“Na maioria das vezes, é industrial. Quando é uma coisa de pequeno porte é artesanal. Enfim, eu acho que eu mexo com as duas coisas.”

Vocês fizeram esporadicamente roupas pra vocês, e é um projeto que vocês têm. Pelo visto, todas têm essa coisa de uma hora trabalhar pra si, desenvolver os seus produtos. Quando vocês estiverem fazendo isso você acha que estará fazendo indústria ou o seu trabalho vai ser artesanal?

“Eu acho que artesanal.”

“É.”

“Fica uma coisa meio misturada.”

“Meio que mista né? Porque primeiro mesmo que eu venha comprar uma maquina elétrica, não é aquela coisa de fábrica. Então, eu acho que fica meio que mista. É a junção das duas coisas.”

Nete, o que você acha?

“Ela é a indústria.”

“É indústria, indústria. Continua sendo indústria pra mim. Artesanal é tipo...”

“Bordar.”

“Bordar, eu vou pegar uma sandália...”

“Customizar.”

“É pano, é tecido, é coisa que eu vou botar na máquina é indústria, gente, pra mim.”

E vocês?

“Eu acho que são as duas coisas, eu acho. Ir fazer na mão e na máquina, eu acredito que sejam as duas coisas. A gente montando, a gente vai fazer, às vezes...”

“Tudo é indústria, gente. Lá não tem que parar pra cortar?”

“Só que não é na tesoura. Lá não corta uma peça na tesoura. Eles cortam <inaudível>...”

“E aqui não pede nem tesoura pra cortar, já vem tudo cortado.”

<conversa paralela>...

Quando vocês trabalharam nas indústrias faziam uma operação só, assim, estou unindo fundo de calcinha e aí só uma fazia isso...

“Isso, isso.”

“Mas aqui não, aqui é tudo.”

“Aqui” vocês dizem nas confecções daqui do Rio ou no trabalho de vocês em casa?

“Também.”

“É em geral.”

“Tem três máquinas no mínimo, *overlock*, reta e *colareti*.”

“Tem que saber mexer. Porque você pode pular de uma pra outra.”

“Isso. Lá no Ceará era bom essa parte aí, a gente só ficava naquilo ali. Eu passei na minha 1ª empresa que trabalhei, eu passei cinco anos fazendo a mesma coisa.”

“Eu também passei muitos anos só botando elástico.”

“A desvantagem é a você só sabe daquilo.”

“Isso.”

“Você não consegue experiência em tudo. A desvantagem é essa.”

“Você não tem essa visão, essa noção global...”

“Da peça toda.”

“Eu vim aprender a trabalhar (?)...”

“Eu também.”

“Eu vim aprender a trabalhar aqui...”

“Lá eu nem sabia pegar na tesoura pra cortar roupa.”

“Eu cortava e a roupa não saía...”

<risos>...

O que vocês entendem pela palavra design, em design de moda?

“Desenhar a peça.”

“Não. É o que a minha irmã falou.”

“Fala aí...”

“É desenhar, é saber costurar, é saber modelar e..., e, é montar a peça inteira.”

“É. Desde o desenho até a roupa.”

“Desde o início até o fim da peça.”

“Bianca...”

“Eu suponho que seja isso também.”

Sáskia...

“Eu não sei, apesar de que muitas pessoas se formam em design, não sabe fazer isso, só sabem desenhar.”

“Só sabe desenhar.”

“E muito menos sentar na máquina.”

“A moça que vinha pra cá, eu falei que trabalhava lá no Projac, ela disse que tem lá desenhistas que não sabem nem sentar na máquina.”

“Isso é o design.”

“É.”

“Eu acho que tinha que saber disso até pra poder desenhar e passar...”

Vocês todas sabem cortar, todas sabem costurar, não sabem modelar, mas estão dando as suas cacetadas. E todas aqui me disseram: “Eu sou costureira”...

“A gente é a pré-designer...”

<risos>...

“Uma coisa que foi unânime em todas as entrevistas é: Qual é a sua profissão? – Costureira.”

“Costureira.” <Algumas>...

“Todas me disseram isso. E que vocês têm alguns requisitos que vocês dizem que o designer tem que ter. Ele tem saber costurar...”

“Eu acho que a gente consegue ser mais completa do que certos designers.”

“Hoje em dia tem muita operadora de máquina. Operadora!”

“Isso.”

“Mas não sabe cortar, não sabe desenhar...”

“Aliás, tem costureira que não sabe montar uma peça.”

“É.”

“Só sabe aquela etapa ali do que está fazendo. Ela não sabe montar.”

Quem falou aí: “A gente é uma pré-designer?”

“Eu.”

A Nete. O que vocês acham que faltaria pra vocês poderem dizer “Eu sou uma designer”?

“Estudar”.

“É verdade”.

“Fazer o curso”.

“Se aperfeiçoar”.

E nesse “Estudar” o que vocês acham em termos de conhecimento da profissão que faltaria?

“O que é que falta”?

É. Porque é assim, você vai estudar pra designer, você vai entrar lá na faculdade e tem aula de costura e você vai dizer “Isso eu já sei”... Aí vai ter aula de modelagem, aula de desenho, história da arte, o que vocês acham...

“Eu queria modelagem”.

“E eu, modelagem. É fundamental pra...”

“Desenho e modelagem”.

“Eu também. Apesar de que eu acho que não consigo desenhar nada”.

“Desenho eu deixo pra lá, eu quero modelagem”.

“Eu acho que não conseguiria desenhar nada”.

“Até pra copiar, você quer passar pro papel, você tem que ter uma noção do desenho, tem que saber desenhar. Pelo menos uma visão da peça que você quer modelar. Não tem como modelar sem o desenho”.

“Eu acho bonita aquela peça na vitrine...”

“Passar pro desenho eu acho que é bem difícil, não é não?”

<burburinho>...

“Eu acho que é mais fácil uma costureira aprender a ser designer do que o designer aprender a ser costureira.”

O que vocês acham?

“Talvez pegue mais rápido porque já tem uma noção de costura. Claro que aprende, está fazendo o curso. Mas tem mais facilidade porque já tem uma noção de costura, de montagem.”

“Eu acho que nós costureiras que é mais difícil aprender o designer...”

“Pra chegar até lá você tem que ó... Tipo assim você não está trabalhando com a cabeça, pesquisando, querendo desistir.”

“Se estressando...”

“Entendeu? O que é moda pra ti. Pra tu chegar lá e juntar pedaço por pedaço assim do que você achou mais interessante pra tu repassar, então, é isso que eu estou dizendo que o mais difícil é chegar até lá.”

E você, Tonha, o que acha?

<risos>...

“Opinião cada um tem a sua...”

<inaudível>...

“O que você acha?”

<breve silêncio>...

“Fala mulher.”

O que você acha?

“É mais fácil aprender quem já sabe costurar pra ser um designer, é pra modelar. Quem já sabe costurar é bem mais fácil.”

<conversa paralela>...

“Não foi essa a pergunta que ela falou. A pergunta que ela falou: Se é mais difícil, se é mais fácil...”

“Uma pessoa que não é costureira...”

“Ser um designer ou um designer ser costureira.”

“É a mesma coisa.”

<risos>...

“É mais fácil uma costureira ser um designer ou o designer ser uma costureira.

“É mais fácil uma costureira ser designer.

“É.”

“É isso.”

<risos>...

Gente adorei... Isso vai dar muito pano pra manga... Foi maravilhoso o debate, obrigada mesmo. Foi muito bacana...

“Aleluia!”

F I M
